

REVISTA

EDIÇÃO 37 – JULHO/2020

# COCREDMAIS

SICOOB COCRED



## SEGURANÇA ALIMENTAR

Ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues comenta os caminhos do agronegócio no pós-pandemia

### O QUE VEM POR AÍ?

Especialistas discutem as relações sociais e comerciais após a Covid-19

### 51 ANOS

Mesmo na crise, Cocred comemora bons resultados ao lado dos cooperados

### TEMPOS DE LIVE

Shows pela internet dão fôlego à indústria cultural na quarentena

### TECNOLOGIA

Cocred amplia contratação de produtos e serviços em canais digitais

# A construção do pós-pandemia é agora!

**A** pandemia de volta à pauta! E não poderia ser diferente. Enquanto a ciência busca uma vacina, a tão esperada cura da Covid-19, a saúde luta para controlar os efeitos da doença, a economia tenta sobreviver em meio ao caos e os demais setores fazem o que podem, cada um da sua forma, para minimizar a dor e as dificuldades das milhares de famílias enlutadas.

A superação do novo coronavírus não deve ser imediata e essa é a única certeza até agora. De qualquer forma, é preciso abrir os olhos para o que deve ser aprendido, porque os erros não podem mais ser repetidos, sob o risco de colocar a própria evolução da humanidade em xeque. Este é o momento de reflexão. Esta é a hora de mudar.

Para auxiliá-lo neste caminho, a Cocred Mais deu voz a especialistas de diversos setores, em análises sobre os possíveis cenários no pós-pandemia. Independente da atuação de cada um deles, as opiniões convergem para a necessidade da adoção de duas ações quase que irmãs: solidariedade e cooperação. Talvez, esse seja um bom começo.

Em entrevista exclusiva, o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues também destacou a importância da segurança alimentar – conceito que já havia sido esquecido pela maioria – e explicou que o agronegócio terá lugar de destaque na recuperação econômica do país, mesmo que isso não signifique que sairá ileso da pandemia.

Apesar de repetitiva, a afirmação “Vai passar!” é necessária. Sigamos em frente! Pelo menos até onde é possível. E não deixemos de lado a solidariedade. Ela tem uma importância superlativa a partir de agora, capaz de minimizar a maioria dos sofrimentos, não só materiais.

Boa leitura e boa reflexão! =)

REVISTA EDIÇÃO 37 – JULHO/2020

# COCREDMAIS



REVISTA COCRED MAIS  
www.sicoobcocred.com.br

OUIDORIA SICOOB COCRED  
0800 725 0996

CRÍTICAS, ELOGIOS E  
SUGESTÕES DE PAUTA  
comunicacao@sicoobcocred.com.br

SUPERVISÃO  
Adalberto José Igual Júnior

REDAÇÃO E EDIÇÃO  
Adriano Oliveira MTB 0049065/SP

PROJETO GRÁFICO  
Ideatore Comunicação

DIAGRAMAÇÃO  
Diego Fernandes Feliciano

TIRAGEM  
25.000 mil exemplares

GRÁFICA  
São Francisco Gráfica e Editora  
Edição concluída  
em julho de 2020

## AGRONEGÓCIO

**04** Agro garante abastecimento em tempos de crise

## ENTREVISTA

**10** Segurança alimentar para além da pandemia

## ANTENA SICOOB COCRED

**16** Ricardo Amorim analisa a economia no pós-coronavírus

## PRA VOCÊ

**20** Solidariedade é palavra de ordem no pós-pandemia

## SICOOB COCRED

**26** Cocred completa 51 anos e cresce em meio à crise

## RESPONSABILIDADE SOCIAL

**32** Degradação ambiental na origem da COVID-19

## PRODUTOS E SERVIÇOS

**36** Cocred amplia serviços em canais digitais

## TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

**40** Lives dão fôlego a artistas na quarentena

## NOVIDADES

**46** Cocred apoia lives em prol de hospitais e famílias em risco

**48** Cocred inaugura agência em Sertãozinho

## CIDADE DESTAQUE

**50** Ocaçu é “casa grande” e acolhedora no interior de SP

## COOPERATIVISMO

**52** Cooperativismo à frente da inclusão financeira

## FINANÇAS

**58** Lei do Agro: Novas regras para o crédito rural

## CLASSIFICADOS

**64** Grandes oportunidades a um clique de você



Os irmãos Adriano e Andréia Alves Pimenta, cooperados da Cocred há 2 anos em Barretos

# AGRO GARANTE ABASTECIMENTO EM TEMPOS DE CRISE

**Hortifruti é um dos poucos setores impactados no grupo de alimentos.**

**Q**uem esteve nos supermercados durante o período de isolamento social percebeu que, apesar de todos os efeitos da pandemia, o abastecimento não foi prejudicado. Nas primeiras semanas houve uma corrida às compras, que provocou o esvaziamento de produtos pontuais. Depois, mesmo faltando um ou outro tipo de fruta, verdura ou legume, as prateleiras ficavam pouco tempo vazias. O preço até subiu, mas não houve queda na qualidade dos alimentos.

A crise fez a população se preocupar mais em poupar, injetando menos dinheiro na economia. No entanto, a alimentação continuou sendo fundamental e a agropecuária seguiu em ritmo acelerado. Só para se ter uma ideia, a safra de grãos deste ano deve quebrar mais um recorde e atingir 249 milhões de toneladas, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Em outras palavras, a agropecuária segue produzindo com êxito. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento não vislumbra qualquer indício de problema no abastecimento de alimentos. Governadores e prefeitos também não restringiram o funcionamento de comércios de insumos agrícolas.

A cadeia produtiva e de distribuição funciona conforme deveria. Mas, segundo a economista Giovana Araújo, sócia-líder do setor de agronegócios da KPMG no Brasil, isso não significa que o segmento sairá ileso da pandemia. O que deve determinar quem será mais ou menos impactado é a resiliência, ou seja, a capacidade de se adaptar às mudanças.

“

**Isso serve tanto do ponto de vista pessoal, quanto empresarial. Quanto resiliente é a sua empresa para essa crise? Você tem um setor que é resiliente e uma empresa que é resiliente dentro desse setor? A crise, como qualquer outra, expõe as fragilidades sobre a perspectiva dessa resiliência. A primeira agenda das empresas deve ser a resiliência: observar governança, estrutura de capital, tecnologia e inovação**

**Giovana Araújo, sócia-líder do setor de agronegócios da KPMG no Brasil**

”

Giovana explica que entre os dois grandes grupos que compõem o agronegócio, certamente o de “produtos não-alimentares” será o mais impactado. Nele se enquadram o setor de flores, que amarga expressiva queda da demanda em função do cancelamento de festas e eventos, e a produção de algodão, uma vez que vestuário deixou de ser prioridade às famílias brasileiras.

“Mas, o que atenuou a questão do algodão foi o fato de muitos produtores já estarem avançados na fixação da safra, a preços atrativos, o que minimizou o impacto da queda de preços que ocorreu em dólar. O fato de termos uma desvalorização cambial também compensou parte da queda de preços em dólar. Então, o avanço na fixação da safra e a desvalorização cambial foram elementos que minimizaram – mas, não eliminaram – os impactos para o setor de algodão”, diz.



Giovana Araújo, sócia-líder do setor de agronegócios da KPMG no Brasil

## O impacto nos hortifrutis

Deixando de concorrer com entretenimento e vestuário, a alimentação se tornou o principal item de consumo dos brasileiros durante a pandemia. A renda familiar ficou concentrada em casa e houve quem saísse em busca de estoque, principalmente nas primeiras semanas de isolamento, quando tudo ainda era muito incerto, temendo o desabastecimento generalizado.

Nesse sentido, segundo Giovana, as principais prejudicadas desse grupo acabaram sendo frutas, legumes e hortaliças, que são mais perecíveis e, por isso, devem ser compradas com menor periodicidade, forçando a ida das famílias aos supermercados, o que estava sendo evitado. Nem mesmo o *lobby* pela aquisição de produtos sem agrotóxicos, oriundos da agricultura familiar e de produtores locais, conseguiu conter o impacto nas vendas.

“Houve uma ruptura na cadeia de venda, fazendo com que as compras se concentrassem nos supermercados e diminuíssem as idas às feiras livres. Como a cadeia não se ajusta de forma rápida, esses produtos que foram afetados por essa mudança nos canais de distribuição e que também tem uma característica de serem mais suscetíveis foram mais afetados. Os pequenos produtores sofreram, como consequência”, afirma Giovana.

Por isso, a economista reforça que os desafios impostos pela pandemia só serão superados por aqueles que investiram em resiliência, que está embasada em quatro pontos fundamentais: governança, para os produtores adotarem medidas corretas de gestão

de crise; estrutura de capital, que demonstra a saúde financeira da empresa; eficiência e tecnologia.



**O setor inteiro foi impactado. Algumas empresas mais, outras menos. Mas, o agribusiness de uma forma geral teve o privilégio – e tinha que ser assim mesmo – de ser considerado um setor essencial. Então, muitas atividades não pararam. Não foi um processo fácil, mas o fato é que a essencialidade do setor foi reconhecida e as atividades não foram interrompidas**

Giovana Araújo, sócia-líder do setor de agronegócios da KPMG no Brasil



## Seguindo em frente

Cooperado da Sicoob Cocred há dois anos, o produtor rural Adriano Alves Pimenta conta que até sentiu um impacto nas vendas logo que a quarentena foi decretada em todo o estado de São Paulo. Mas, passado o susto inicial, os negócios estabilizaram. Ele e os irmãos Andréia e Anderson cultivam abóbora, pimenta, brócolis e couve-flor na propriedade da família em Barretos, onde os pais iniciaram a produção há cerca de 20 anos.

“Somos produtores e tomamos conta de toda a cadeia de produção, não temos intermediário. Se você olhar uma cadeia que depende do Ceasa [Central Estadual de Abastecimento], que ficou fechada, o pro-

“O produtor realmente sentiu mais. Não sentimos porque produzimos e entregamos, e as pessoas continuam tendo a necessidade de comer”, diz.

A família atende a redes de supermercados em 30 municípios nas regiões de Barretos e São José do Rio Preto. Pimenta conta que no início vendiam os produtos *in natura*. Mas, com o tempo, percebendo as mudanças do mercado, se adequaram às necessidades dos consumidores. Hoje, os irmãos comercializam bandejas com itens selecionados, sempre prezando por qualidade e preço justo.

O produtor rural diz ainda que ele e os irmãos sempre aprenderam com os pais os ensinamentos da boa administração. Por isso, apesar de a pandemia da

Covid-19 estar sendo uma das piores crises dos últimos tempos, os impactos nos negócios da família foram minimizados pelas medidas adotadas em relação à governança, ao equilíbrio das contas e aos investimentos em eficiência e tecnologia.

“Sempre nos preocupamos em manter um fluxo de caixa que suporte qualquer imprevisto. Isso é um aprendizado. Graças a Deus, passamos, superamos, tínhamos caixa. Mais do que nunca, isso a gente sempre prezou: ter fluxo de caixa, pagar à vista ou em curto prazo. Isso ajudou muito nessa fase. Não usamos nenhum benefício do governo para pagar os funcionários. A empresa está saudável e isso é motivo de orgulho para nós”, destaca.

## Tecnologia como aliada

A tomada de decisão na gestão do agronegócio envolve inúmeras variáveis e, em tempos de pandemia, deve ser ainda mais estratégica. O produtor rural deve considerar todas as influências internas e externas, e quanto mais complexo for esse último ambiente, mais difícil é a adoção de medidas corretas, que beneficiem o negócio.

Para auxiliar esse processo, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Territorial (Embrapa) lançou uma ferramenta que permite aos produtores rurais acompanharem de forma online a evolução das notificações e dos óbitos decorrentes da Covid-19 em todo o território nacional, com atualizações diárias e embasadas em dados do Ministério da Saúde.

Os painéis estratégicos apresentam a evolução do novo coronavírus no Brasil considerando o tempo e o espaço, ou seja, o território. Em outras palavras, isso significa visualizar em mapas e gráficos interativos onde e de que forma a doença está se manifestando. A plataforma é gratuita e está disponível em [www.embrapa.br/evolucao-temporal-da-covid-19-no-brasil](http://www.embrapa.br/evolucao-temporal-da-covid-19-no-brasil)

“Esses gráficos mostram a famigerada curva de progressão da doença. É possível visualizar onde está ocorrendo incremento, se os estados conseguem fazer algum tipo de controle, verificar a situação atual e traçar algumas perspectivas, gerando novas estatísticas. Isso tudo oferece subsídios para a tomada de decisão”, explica o engenheiro agrônomo Gustavo Spadotti, supervisor do Grupo de Gestão Territorial Estratégica (GGTE) da Embrapa Territorial.

Gustavo afirma que a iniciativa partiu da dificuldade de entendimento das planilhas divulgadas pelo Ministério da Saúde diariamente, principalmente por pessoas que não têm familiaridade com processamento de dados. A plataforma traduz os números, colocando os casos nos mapas territoriais. O próximo passo, que ainda depende de divulgação por parte do governo federal, é apresentar os dados em nível municipal.

“O cerne da discussão é entender como levar a geotecnologia, utilizar essa inteligência territorial para vencer essa batalha que está sendo travada contra a Covid-19. São tecnologias que buscam especializar o problema, de modo a ter um rol de ações de gestão que possam ser utilizadas em cada um desses territórios, ainda mais em períodos de isolamento social e lockdown”, diz.



Crédito: Suzi Carneiro/Embrapa Territorial

Gustavo Spadotti, supervisor do Grupo de Gestão Territorial Estratégica (GGTE) da Embrapa Territorial



# CRÉDITO RURAL DA SICOOB COCRED.

COM A NOSSA PARCERIA,  
VOCÊ FAZ BONS NEGÓCIOS.

Se você é pequeno, médio ou grande produtor rural, a Cocred é sua segunda casa, oferecendo soluções financeiras completas para aumentar sua produção agrícola ou pecuária. São linhas de crédito para investimento, custeio e comercialização, com as melhores taxas e atendimento próximo e atencioso.

Converse com seu gerente e saiba mais detalhes.



**Reginaldo José de Barcelos**  
*Produtor Rural*

Querer não basta, a ação é o que importa.

**A Cocred faz mais por você,  
que faz do campo a sua vida.**

Central de Atendimento Sicoob - 24 horas: 4000 1111 (capitais e regiões metropolitanas)  
0800 642 0000 (demais localidades) | Ouvidoria: 0800 725 0996 - ouvidoriasicoob.com.br  
Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458

 **SICOOB COCRED**

Vem crescer com a gente.



# SEGURANÇA ALIMENTAR PARA ALÉM DA PANDEMIA

**Mesmo afetado, agronegócio deve ser fundamental na retomada econômica do país após o novo coronavírus.**

Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e professor da Faculdade Getúlio Vargas (FGV)



**S**e nas cidades a circulação de pessoas ainda é restrita, o comércio segue parcialmente fechado e a movimentação econômica vai de mal a pior, no campo a realidade é totalmente oposta. Mesmo com a pandemia do novo coronavírus ainda matando centenas de pessoas por dia, os tratores não ficam desligados e os produtores trabalham sem medir esforços para que as casas dos brasileiros continuem abastecidas.

Considerado essencial para a recuperação econômica no pós-pandemia, mesmo que essa data ainda seja incerta, o agronegócio tem sido um dos poucos segmentos a continuar crescendo em meio à crise. Exemplo disso é que o setor foi o principal responsável pelo superávit de US\$ 2,475 bilhões da balança comercial brasileira até 10 de maio, segundo o Ministério da Economia. As exportações de produtos agropecuários cresceram 104,5% no período.

Então, ao mesmo tempo em que garante a segurança alimentar e tranquiliza a população no sentido de que haverá comida no prato, apesar da pandemia, o agronegócio também tem contribuído com a economia, gerando emprego, renda e movimentando setores correlatos. Em algum momento, o novo coronavírus vai passar e esse segmento será fundamental para o Brasil reencontrar a trajetória de prosperidade.

Essa também é a opinião do ex-ministro da Agricultura e professor da Faculdade Getúlio Vargas (FGV), Roberto Rodrigues, afirmando que nunca viu em seus 77 anos de idade uma crise tão grave quanto essa. Aliás, um conjunto de crises, porque tudo começou com o enfrentamento sanitário, que acabou impactando na economia e no setor social, e ainda ocasionou uma série de conflitos políticos, devido às discordâncias entre municípios, estados e a União.

Segundo o ex-ministro, o agronegócio deve ser o último a sentir o efeito da crise, mas o primeiro a sofrer no pós-pandemia. Isso porque, os resultados que estão sendo obtidos agora foram planejados no último ano, mas as negociações e projeções para a próxima safra estão sendo feitas em meio à disparada do dólar e ao cenário de incertezas.

Considerado uma das principais lideranças do cooperativismo – Rodrigues já foi presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e o primeiro não-europeu a presidir a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) –, o ex-ministro é taxativo ao dizer que esse sistema tem muito a contribuir com diversos setores da economia e também deve crescer em meio à crise.

Em entrevista à Cored Mais, Rodrigues fez uma ampla análise do cenário atual, destacando os maiores desafios do agronegócio durante e após a pandemia. O professor também elogiou o trabalho da atual ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, e comparou a crise sanitária a uma guerra, em que muitos perderão a vida, mas a reconstrução será necessária. Quando isso deve ocorrer, nem mesmo ele consegue prever.

**Cored Mais | O produtor rural já lidou com outras crises, está habituado com incertezas, com o mercado de preços ao qual ele não tem controle, assim como o clima. A pandemia do novo coronavírus é diferente? Estamos vivendo um cenário completamente adverso?**

**Roberto Rodrigues |** É uma crise global sem precedentes. Você pode imaginar que uma crise parecida com essa foi em 1929, quando quebrou a bolsa de valores de Nova Iorque e o reflexo foi brutal. Dessa vez também, é uma crise global, não há nenhuma pessoa no mundo que não foi afetada direta ou indiretamente por essa pandemia, é algo inédito. Por outro lado, acho que há uma importante nuance nessa crise em favor da agricultura em termos globais. Ficou evidente na pandemia que você pode ficar sem comprar sapato, sem comprar automóvel, sem comprar roupa, sem comprar perfume, mas não pode ficar sem comida. Em outras palavras, a segurança alimentar ganhou uma dimensão que as pessoas já tinham esquecido. A segurança alimentar é um conceito que surgiu como consequência da Segunda Guerra Mundial, quando a Europa passou fome. Terminada a guerra, os países europeus decidiram que nunca mais passariam fome e criaram um lastro na Política Agrícola Comunitária para estimular a agricultura. Com que objetivo? Abastecer. As políticas públicas que a Europa desenvolveu desde os anos 50 do século passado até hoje são políticas para garantir comida ao consumidor. E o produtor rural é o instrumento para garantir a segurança alimentar. Esse conceito foi desaparecendo porque não enfrentamos mais uma crise daquela envergadura. Dessa vez, a crise foi tão brutal que trouxe a segurança alimentar como conceito essencial para a sobrevivência, para a vida. Como consequência, a agricultura passou a ter um novo patamar de respeito pela sociedade do mundo todo. As pessoas se deram conta que tudo parou, que a crise está sendo brutal: parou indústria, comércio, serviços, mas a agricultura não pode parar. O agricultor está plantando, trabalhando, produzindo e entregando – o que é mais importante – para garantir a vida. As pessoas começam a entender que existe um fator por trás da agricultura que é fantástico: é uma atividade cuja vontade é imposta pela natureza.



“

Há uma importante nuance nessa crise em favor da agricultura em termos globais. Ficou evidente na pandemia que você pode ficar sem comprar sapato, sem comprar automóvel, sem comprar roupa, sem comprar perfume, mas não pode ficar sem comida. Em outras palavras, a segurança alimentar ganhou uma dimensão que as pessoas já tinham esquecido.

Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e professor da FGV

”

Não é o homem que define quando plantar, quando colher, quando tratar. É a natureza que define quando fazer cada coisa. O homem desenvolveu tecnologias que ajudam a natureza no processo produtivo.

### **Cocred Mais | O senhor está dizendo que o agro voltou a ser respeitado porque foi reconhecido seu papel fundamental na vida das pessoas e na recuperação da economia?**

**Roberto Rodrigues** | A agricultura ganhou uma nova respeitabilidade universal graças à ressurreição do conceito de segurança alimentar. Isso leva a alguns efeitos e eu diria que são dois imediatos, que já estão se manifestando no mundo inteiro. Primeiro, os governos dos países passarão a dar mais atenção à agricultura, não por amor ao agricultor, mas por amor ao consumidor. Os governos se preocupam com a maioria da população, que é consumidora, e para isso tem que permitir que uma minoria, produtora, tenha capacidade de continuar produzindo. É importante frisar que, quando digo agricultura, me refiro ao conceito universal daquilo que é produzível: agricultura, pecuária, floresta, tudo o que é de origem agro. Então, esse é o primeiro ponto: os governos tratarão de garantir que os agricultores continuem produzindo para estabelecer segurança alimentar aos seus povos. A outra consequência quase que contrária um pouco disso: é possível que muitos países proíbam exportações de alguns produtos porque são fundamentais para seus consumidores. Ao mesmo tempo, devem proibir a importação dos produtos que são mais competitivos em outros países para garantir a condição competitiva dos seus produtores. Isso é um neoprotecionismo, uma nova fase do protecionismo que pode mexer com o comércio global. Todas as regras estabelecidas pela OMC [Organização Mundial do Comércio] poderão ficar superadas pelo realismo dos interesses governamentais de cada país.

### **Cocred Mais | De que outras formas a pandemia impacta o agronegócio brasileiro? Na sua opinião há perspectivas positivas?**

**Roberto Rodrigues** | Além desses fatos que considero como certos, há outros ainda incertos. Bem antes da pandemia, você observava já com muita clareza nos últimos dois anos um forte movimento da juventude mundial a favor da proteção do meio ambiente. Algumas figuras surgiram e isso é importantíssimo: a defesa do meio ambiente é fundamental para o futuro da humanidade. Na verdade, era uma coisa meio apaixonada, emocionada, não havia muita clareza de como fazer as coisas, mas havia um movimento de defesa do meio ambiente. Eu dizia há dois anos que isso era muito importante

porque é um movimento da juventude. Portanto, vai ficar mais 30, 40 anos. Esse movimento vai ter uma consciência muito maior, porque esses jovens vão aprender, amadurecer e buscar os mecanismos adequados para proteger o meio ambiente. No bojo desse fenômeno há outra realidade: a mudança dos hábitos alimentares, o vegetarianismo, o veganismo. Acho que a pandemia, que levou populações do mundo inteiro a se isolarem, ficarem em casa, cozinhando em casa, fez todo mundo aprender novas formas de alimentação, de como conduzir o processo de nutrição. Acho que é possível, não que seja provável, mas possível, um movimento de mudança de hábitos alimentares.

Isso tudo nos leva a tomar duas providências muito fortes, que tenho tratado com a ministra Tereza Cristina. Aliás, a ministra da Agricultura é uma mulher extraordinária, competente, preparada, conhece a atividade rural, é extremamente capaz de conduzir o trabalho. Eu tenho conversado muito com ela para mostrar dois fatos que precisamos orientar. O primeiro deles é examinar com precisão quais são as oportunidades que se abrem para o agronegócio, à medida que países abrirão mais comércio, ou não. Isso para que a gente possa ter uma estratégia desde já para aproveitar oportunidades. Na outra mão, verificar com muita acuidade que restrições poderão surgir para o nosso agro no comércio global, que exigirão ações concretas de demonstrações por parte do Itamaraty, da Agricultura, do setor privado, para que a gente não perca mercado. Isso tudo impõe uma estratégia de estudos rigorosos quanto às oportunidades e aos riscos inerentes a essa condição de neoprotecionismo que vai ocorrer no mundo.

### **Cocred Mais | Isso significa que vamos exportar menos? Especialistas apontam que a demanda externa será um alento ao agronegócio no pós-pandemia. O senhor não acredita nisso?**

**Roberto Rodrigues** | Isso tudo não está muito claro ainda, mas o mundo se deu conta da enorme competência do agronegócio brasileiro. Estamos exportando mais, vendendo mais, apesar de o consumo estar caindo no mundo inteiro. Estamos dando conta do processo. Está faltando contêiner? Está faltando caminhão? Nós demos conta mesmo assim. O Brasil teve uma competência espetacular na segurança alimentar, na distribuição de alimento, nas exportações, e isso nos deu uma condição de ser um país confiável. Já está claro que temos uma característica interessante de capacidade e condição de abastecer o mundo.

Ao mesmo tempo, acredito que essa pandemia tenha trazido ao consciente coletivo a ideia de que

as barreiras sanitárias que foram construídas eram frágeis. A própria OMS [Organização Mundial da Saúde] está sendo criticada no mundo inteiro pela sua atuação. Então, acho que vai haver um grande *upgrade*, vai subir a régua da questão sanitária e o Brasil tem uma condição espetacular nesse sentido. Os Estados Unidos precisaram fechar frigoríficos por falta de condições sanitárias. Está faltando carne nos Estados Unidos. A China está importando carne do Brasil por questões sanitárias. Nós temos uma característica superior ao resto do mundo e acredito que tenhamos ganhado uma visão universal de um país confiável, capaz de abastecer com qualidade, com sustentabilidade e com sanidade o mundo inteiro. Não significa de forma nenhuma que os mercados sejam dados para nós. O mundo vai disputar cada quilo de produto agrícola, de alimento produzido. Vai ser uma disputa dura e rigorosa.

### **Cocred Mais | O impacto nos preços e nos mercados é a principal consequência da pandemia no agronegócio? Quais os maiores desafios ao setor?**

**Roberto Rodrigues |** As questões sanitária e de sustentabilidade são essenciais. Mas, além disso, há temas recorrentes no país, como logística e infraestrutura. Temos que ter investimento em logística e infraestrutura muito mais consistente do que foi feito até hoje. Isso só será feito com parcerias público-privadas que, por consequência, só ocorrerão se as reformas vierem. Fizemos as Reformas Trabalhista e Previdenciária, mas ainda faltam Política, Tributária, outras reformas que tragam segurança jurídica ao investidor.

O segundo ponto é tecnologia. Temos a melhor tecnologia tropical do planeta e ela é sustentável. Mas, esse é um problema dinâmico. A tecnologia é a base da competitividade, então precisamos investir mais. Éramos muito bons, mas perdemos. O estado de São Paulo foi o pai da Embrapa, a grande Meca da tecnologia. Mas, os institutos de pesquisa de São Paulo perderam recursos, gente, dinheiro e estão hoje à míngua. Hoje, a Embrapa é o grande centro tecnológico brasileiro, mas também está precisando de mais recursos. Então, é preciso que os governos se atentem para ciência e tecnologia como fatores essenciais à competitividade. Não é só agronomia e veterinária, é TI, conectividade, outras coisas. O tema da conectividade ganha uma dimensão importantíssima na gestão do agronegócio.

Terceiro ponto: precisamos de renda no campo, dinheiro. Ainda temos o seguro rural muito incipiente. O seguro rural foi a primeira coisa que eu fiz como ministro da Agricultura, em 2003.

Então, tem 17 anos e nem 10% da agricultura estão cobertos por ele. O governo fez a parte dele. Agora, a ministra Tereza Cristina está pondo a coragem dela. É essencial, porque o seguro rural é a base da credibilidade, do crédito rural.

Falta também uma política comercial agressiva. Tenho ouvido que a China é um país comunista. Comunista, ou não, e o nosso maior mercado. A China, no ano 2000, representava 2,7% do nosso mercado. Hoje, são 34%. Então, é um mercado fantástico. Claro que devemos privilegiar países que querem comprar da gente, não quero depender da China, mas quero defender o mercado chinês que é fundamental para nós, assim como Indonésia, Filipinas, Malásia, Tailândia, Oriente Médio, países africanos. A África e os países árabes são fundamentais para nós. Temos que privilegiar quem quer comprar do Brasil. Quem quer comprar é a China? Então, manda para a China. Mas, também quero exportar para Estados Unidos, União Europeia. O Brasil tem que estar aberto ao mundo e a China faz parte do mundo.

Esses quatro temas são fundamentais: tecnologia, mercados, política de renda, logística e infraestrutura. Existem outros temas, mas a base está nas reformas. Então, é um programa que não é só do governo, está nas mãos do Executivo, do Legislativo, do Judiciário. Todo mundo tem que participar com a nação, com a sociedade. Todo mundo tem que estar nesse processo de reformulação e modernização de regras.

### **Cocred Mais | Na sua opinião, qual setor deve sofrer mais com a pandemia da Covid-19?**

**Roberto Rodrigues |** Essa é uma pergunta difícil. O setor que sofreu mais foi o de flores. Por quê? Não tem festa, não tem nada, ninguém compra flor. Mas, para a economia rural, é um setor pequeno. Para o fruticultor, uma tragédia. Perderam tudo, safras inteiras. Agora, tem que recuperar. Hortifrutigranjeiros também foram prejudicados porque houve um período em que os caminhoneiros foram muito prejudicados com o fechamento de alguns municípios. É um problema sério, que já foi superado. Hoje, o grande setor que sofre mais é o sucroenergético. O consumo de combustível despencou, a demanda acabou. A oferta cresceu, porque safra começou, então houve um descasamento entre oferta e demanda, e os preços caíram abaixo do custo de produção. É um problema grave e o governo está demorando para dar resposta. Estão negociando faz tempo, estão demorando muito. Depois de anos de sofrimento, a safra era positiva: o preço do açúcar havia subido, o consumo de combustível aumentado, a produção era boa por causa da chuvarada que deu no verão. Então, era uma safra de redenção para o setor. Mas,

infelizmente, a pandemia e a briga da Rússia com a Arábia Saudita, relacionada ao petróleo, derrubaram tudo, virou fumaça.

**Cocred Mais | Em tempos de crise, o cooperativismo é um dos únicos segmentos que conseguem crescer. Agora, vai ser diferente? Qual o papel das cooperativas nesse momento?**

**Roberto Rodrigues** | O agronegócio tem sido a base da economia brasileira. Há muitos anos o PIB [Produto Interno Bruto] do agronegócio cresce mais que o PIB nacional. Há muitos anos esse setor é o que gera mais empregos, com mais salários do que os demais setores. Há muitos anos é o agronegócio que garante o saldo comercial do país. Temos essa vocação que é inequívoca, que a natureza colocou em nossas mãos. Temos que olhar para isso com muita atenção. Tudo isso depende, evidentemente, de políticas públicas, mas depende fundamentalmente da ação privada. A ação privada não pode suprimir em nenhuma hipótese uma estrutura fundamental em qualquer país democrático, que é o cooperativismo. Hoje, o produtor rural só faz a renda dele na escala. O pequeno, por definição, não tem escala. O conjunto faz uma escala que permite ao pequeno agregar valor, comprar insumos adequados, sobreviver e crescer economicamente. O cooperativismo é uma doutrina que permite ao pequeno ter igualdade de competição que o grande tem sozinho. Então, o cooperativismo é a base da sustentação da

agricultura familiar, da pequena atividade rural, com uma característica: as cooperativas têm três séculos de idade, mas só cresceram e evoluíram em crise. Agora, na pandemia, durante uma crise gigantesca, as cooperativas vão crescer muito. Tem que estar atento a isso, porque é o momento delas.

**Cocred Mais | Qual a sua orientação aos produtores rurais neste momento de pandemia? Como devem agir para saírem da crise com o menor prejuízo possível?**

**Roberto Rodrigues** | O preço em dólar despencou nas bolsas internacionais. O dólar acima dos R\$ 5,50 é maravilhoso, a remuneração para o produtor rural está muito boa, mas tudo isso é falso, é uma ilusão. Vamos aproveitar ao máximo possível e vamos vender para fazer caixa. Estou orientando o produtor rural: faça caixa, porque a gente não sabe o que vem depois de amanhã. Quanto tempo vai durar a pandemia? O que vai acontecer com o consumo? Então, faça caixa, aproveite o câmbio, aproveite o preço bom, faça caixa para se preparar para a época de vacas magras. Eu aprendi com um velho amigo, há muitos anos, durante uma crise econômica terrível: “Em tempos de guerra não espere notícia boa”. Estamos vivendo um tempo de grandes prejuízos, correspondente a uma guerra. Então, não espero notícia boa. Agora, nós é que temos que construir a notícia boa para enfrentar o pós-guerra com tranquilidade.



# RICARDO AMORIM ANALISA A ECONOMIA NO PÓS-CORONAVÍRUS

Primeira edição do Antena em 2020 foi realizada em formato digital.



**A** Sicoob Cocred também está em sintonia com a nova realidade imposta pelo distanciamento social e, consciente da importância de se manter o diálogo neste momento de crise, promoveu a primeira edição virtual do Antena, o ciclo de palestras e debates da cooperativa. O convidado da live, realizada em 21 de maio, foi o economista Ricardo Amorim, que abordou diversas facetas sobre o tema: “O que esperar da economia no mundo pós-coronavírus?”.

Formado pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-graduado pela Escola Superior de Ciências Econômicas

e Comerciais de Paris, Amorim atua há quase 30 anos no mercado financeiro mundial e já foi considerado pela revista Forbes como um dos 100 mais influentes do Brasil. Atualmente, ele é apresentador do programa Manhattan Connection da GloboNews, colunista da revista IstoÉ e do jornal Gazeta do Povo.

Logo no início do bate-papo, mediado pela jornalista Flávia Chiarelli, o economista destacou a importância do cooperativismo para o desenvolvimento do país, sinalizando que o segmento deve crescer, mesmo em tempos de pandemia. Isso porque, a maioria das

cooperativas nasceu e está atrelada ao agronegócio, que até agora foi pouco impactado pela crise, e ainda pelo fato de a maioria delas estar localizada no interior do país, onde a concentração demográfica e a chance de infecção pelo novo coronavírus são menores.



**As cooperativas crescem exatamente porque nos momentos de crise, em primeiro lugar, o setor privado tende a encolher e abrir um espaço maior para elas. Em segundo lugar, porque o governo encontra os limites para sua atuação. Mesmo o dinheiro do governo tem limite e como as cooperativas estão muito mais próximas de quem usa ou de quem presta o serviço têm um impacto social muito importante.**

Ricardo Amorim, economista



Especificamente em relação ao agronegócio, Amorim disse que nem todos os subsetores serão afetados da mesma forma. Primeiro, porque a alimentação se destaca entre os itens essenciais. Depois, porque mesmo os resultados negativos de grupos como o têxtil, por exemplo, não devem impactar no saldo geral, em razão do bom desempenho das culturas exportadoras, que estão se beneficiando com a alta do dólar.

Amorim também elencou três grandes grupos econômicos, conforme o impacto da pandemia. Entre os setores mais afetados estão o imobiliário, o turismo, o varejo, o têxtil e o automotivo. Em nível interme-

diário na escala estão empresas relacionadas à alimentação e supermercados, que ainda conseguem se manter. Por fim, apresentam crescimento significativo, apesar da crise, a indústria farmacêutica e o setor de tecnologia.

“Transformação digital não substitui a loja física ou o evento físico. É algo a mais, é um e outro. A loja tem que ter os dois por uma razão simples: oferecer comodidade ao cliente. A loja que tem e-commerce pode fazer testes e descobrir que determinado produto vende melhor, sem ter que encher a loja daquilo. Ela pode testar precificação e ver o que funciona melhor. O digital oferece uma série de informação e é preciso estar em todos os canais”, detalhou.

Ainda segundo Amorim, a superação da crise e a sobrevivência dos negócios devem depender basicamente de dois fatores: postergação de encargos e antecipação de receita. Esse deve ser o foco dos empreendedores neste momento. O economista também sugeriu uma reflexão sobre o propósito de cada empresa, independente do setor de atuação: “Afinal de contas, eu faço isso por que e para quem?”

“Nunca desperdice uma crise. Elas acontecem e são duras, mas se a gente conseguir aproveitá-las, pode sair melhor e mais forte. A pergunta que gostaria de deixar para todo mundo é: o mundo vai mudar, vai existir um novo normal, mas, quem vai ser o novo você? O que você vai fazer diferente? O que o coronavírus ensinou? O que aprendeu para que você seja a mudança que, somada a outras, vai fazer com que o mundo não só mude, mas mude para melhor?”, disse.



CRÉDITO

PRÉ-APROVADO

SICOOB COCRED

Agora ficou mais fácil conseguir aquele dinheirinho pra cobrir uma despesa ou realizar um sonho. Com o **Crédito Pré-Aprovado Cocred\***, é dinheiro fácil na palma da mão! Rápido e sem burocracia, você pode contratar pelo celular ou computador, sem precisar ir até a agência.

cocred.com.br  
sicoobcocred

\* Modalidade sujeita à disponibilidade de limite. Consulte em seu aplicativo.

 **SICOOBCOCRED**

Vem crescer com a gente.

Ouvidoria - 0800 725 0996 - Atendimento seg. a sex. das 8h às 20h.  
[www.ouvidoriasicoob.com.br](http://www.ouvidoriasicoob.com.br)  
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458.



# SOLIDARIEDADE É PALAVRA DE ORDEM NO PÓS-PANDEMIA

**Como serão as relações humanas e comerciais após a Covid-19? Cooperar é o melhor caminho.**

**O**novo coronavírus está transformando o homem e a relação dele com o outro, e o mundo. Isso é incontestável. As consequências da pandemia da Covid-19 são de várias naturezas, passando pela mudança de rotina, restrição de mobilidade, prejuízo financeiro, estresse, ansiedade, medo. Mas, sem dúvida nada disso é tão doloroso e difícil de superar quanto o luto, a perda de milhares de vidas em todo o mundo.

Muitos países entraram em colapso com a queda dos negócios, do emprego e da renda. Só que, talvez, mais importante do que a reestruturação econômica nesse momento, seja a reconstrução pessoal. Ainda mais porque as incertezas sobre o novo coronavírus e a falta de perspectiva para a cura da doença devem continuar impactando a sociedade e ninguém sabe dizer ao certo por quanto tempo mais.

Por ora, a única certeza é que o momento exige bom senso, planejamento e solidariedade para que todos tenham a condição, ainda que mínima, de fazer a travessia. Presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (SHRBS) de Ribeirão Preto, Carlos Frederico Marques ilustra a situação como uma balança, em que de um lado está a saúde e de outro a economia. O sucesso das medidas que serão adotadas dependerá do equilíbrio.

“O maior desafio é que não existe uma linha demarcatória entre um lado e outro, ou melhor, até existe, mas é muito tênue. Deve ser uma retomada longa e difícil. Muita gente morreu, várias empresas fecharam. O pessimismo é indiscutível, mas é preciso recomeçar. Agora, como reabrir e oferecer serviços a uma população extremamente assustada e receosa?”, questiona.



Paulo César Garcia Lopes, presidente do Sincovarp

Para o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Ribeirão Preto (Sincovarp), Paulo César Garcia Lopes, o cenário econômico no pós-coronavírus passa pelo novo comportamento dos consumidores e dos empresários, e ainda pela transformação digital. A mudança vai ocorrer, mas o crescimento é incerto, já que o prejuízo depois de meses de isolamento chega à casa dos bilhões de dólares nos mais diversos segmentos.

O setor automobilístico acumula saldo negativo estrondoso. O fechamento do comércio afetou diretamente todo o processo produtivo. Mesmo considerando a alta do varejo eletrônico, de que adianta a indústria funcionar em plena capacidade, se as lojas físicas não podem receber os clientes? Mesmo os setores que se mantiveram em pé na pandemia, como supermercados e farmácias, sofreram os impactos do novo coronavírus.

“Infelizmente, a falta de previsibilidade dessa doença está impactando muito negativamente na economia. Nesse momento, é muito difícil prever qualquer coisa. Essa falta de previsibilidade de começo, meio e fim da doença, das consequências dela, está causando insegurança. Vários ativos estão

com valores extrapolados. Mas, acredito que isso vai se acomodar com o tempo, como sempre ocorre. A gente sabe disso”, afirma.

É evidente – e até certo ponto mensurável – que a pandemia está provocando uma mudança não apenas comportamental, mas de valores, hábitos e formas de consumo. Por outro lado, apesar de o consumidor estar se tornando de certa forma “mais consciente”, a compra por impulso nunca vai deixar de existir. Por isso, a partir de agora os negócios precisam estar mais atentos aos valores humanos.



**A lição é que o empresário tem que ouvir o consumidor, tem que atender as necessidades do consumidor, estar sempre antenado a isso. Ao mesmo tempo, vão sair na frente aqueles que estão trabalhando com diversos canais de venda. As oportunidades acontecem em tempos de crise. Empresários que estão antenados, que têm uma visão antecipada e de previsibilidade, têm a oportunidade de se beneficiar com a crise.**

Paulo César Garcia Lopes, presidente do Sincovarp



## Egoísmo ou altruísmo?

Até aqui foi possível entender que os impactos da pandemia, como causa e efeito, estão sendo de ordem econômica e social. Fica claro também que o momento atual é um divisor de águas e que ultrapassá-lo não será tarefa fácil. Nem breve. Muito menos indolor. Ainda não há respostas concretas, mas a economista Rosalinda Chedian Pimentel constrói três cenários possíveis para o mundo e o país na pós-pandemia: um otimista (ou altruísta), outro intermediário (de compartilhamento) e um terceiro, pessimista (ou egoísta).

O primeiro cenário expressa um sonho, uma esperança de total transformação do ser humano, que traria como desdobramento a fraternidade entre as nações e, internamente, aconteceria redução drástica das desigualdades e ampliação da oferta de oportunidades a todos aqueles que quiserem trabalhar e, assim, serem ouvidos e terem representatividade no país, e em consequência no mundo.

No cenário intermediário, os países devem proteger suas economias, mas também, cooperar uns com os outros, entendendo que esse processo é importante para a recuperação de todos. Esse modelo causaria

menos impactos no comércio internacional, ao mesmo tempo em que incentivaria setores, como o tecnológico, o biomédico, o farmacêutico, o energético e, claro, o agronegócio – até agora o menos impactado pela crise no Brasil.

“Essa pandemia está servindo para todos os povos perceberem que individualmente não há sustentabilidade em termos sociais. Por quê? Percebe-se, primeiro no âmbito interno dos países, que há disparidade significativa dentro de suas sociedades e, segundo, em relação a determinados países frente aos demais. É uma situação desgastante, conflituosa e aquela competição que não haveria no ambiente do primeiro cenário, passa a ser de desigualdade e pobreza, que vão se acentuando, agravando o distanciamento econômico e social”, diz.



Rosalinda Chedian Pimentel, economista

E, se a recuperação depende de vontade política, a economista destaca a importância do que chama de “revalorização do papel do Estado”. Isso significa resgatar a importância do Estado como impulsionador dos investimentos, mas com relativa conotação privatista, ou seja, de participação público-privada, em que o governo lidera, mas o setor privado também é copartícipe, não apenas usufrutuário.

“Para superar a crise que caracteriza as economias e muitas sociedades, o novo normal exige que seja feito um plano intenso de investimento, em que os países que negavam a importância do Estado devem voltar atrás, porque é o Estado que vai ter condições de realizar investimentos efetivos, principalmente em infraestrutura – saneamento básico, mobilidade, escoamento de safra, atuação na taxa de juros, negociações nas diferentes arenas, etc. São investimentos que não se fazem no curto prazo, nem tampouco começam a gerar resultados imediatos, mas é uma luz ao final do túnel. É, sem dúvida, uma longa curva de expectativas”, afirma Rosalinda, destacando que tais observações são pertinentes a todos os países, em especial ao Brasil.

A terceira possibilidade tem como ponto principal a reeleição do presidente norte-americano Donald Trump, determinando o enfrentamento entre os Estados Unidos e a China, criando dificuldades junto à União Europeia e com uma postura de indiferença em relação à África e à América Latina. Entre os países europeus, independente do cenário que se instale, deve haver uma convergência prioritária para a economia interna daquelas nações.

“Nesse caso, teríamos os países olhando apenas para si. Haveria um desconcerto no âmbito internacional em que não haveria possibilidade alguma de um processo de cooperação entre os países”, afirma Rosalinda. “As economias vão se revestir de um protecionismo tão intenso que, na verdade, tudo o que se conquistou até agora, em termos de globalização e de universalização, portas abertas para exportação e importação, passarão a ser restritos”, completa.

No Brasil, a condução restritiva da economia junto às inseguranças desestabilizadoras na gestão do país, devem fazer com que as desigualdades se agravem e as questões sociais aumentem os traumas que já se encontram descortinados. Recuperação lenta da economia e das relações externas, acrescidas de elevado custo social, são as vertentes que se delineiam nesse cenário.

Rosalinda já atuou na área de planejamento e na assessoria da diretoria da Petrobras e, atualmente, é professora universitária. Sua extensa carreira como educadora e pesquisadora lhe permitem afirmar que a crise atual só pode ser comparada, em termos de prejuízos, à quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, e à Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945. Dessa forma, as medidas adotadas pelos governos para superar as graves dificuldades nesses dois períodos da história mundial podem fundamentar as ações que devem ser tomadas agora, com destaque para a solidariedade e a cooperação.



**As pessoas têm que mudar o olhar, saber olhar para o outro. Acho muito difícil um cenário de esperança.**

**Na melhor das hipóteses, trabalho com a ideia de meio termo, com o cenário intermediário, de compartilhamento. Os países olhando para si, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a importância e as vantagens comparativas que teriam ao colaborar através do comércio e das relações internacionais com os demais países. O processo de saída da crise vai ser mais rápido se fizermos uma opção dessa ordem. Isso é ser solidário.**

Rosalinda Chedian Pimentel, economista



## Enfim, o século 21!

Sob o olhar da história, há quem afirme que é a partir da pandemia do novo coronavírus que tem início o século 21, visto que a crise tem colocado em xeque as relações humanas, bem como todo o desenvolvimento tecnológico obtido até agora. Isso é o que defende a historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, que já foi homenageada com a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico.

Segundo Lilia, a humanidade ainda não aprendeu com os erros do passado e a pandemia vem fechar as portas, fazendo as pessoas refletirem sobre a rotina acelerada e os gastos muitas vezes desnecessários. A análise dela é compartilhada pela historiadora Sandra Rita Molina, reforçando a reflexão feita até agora de que cooperação e solidariedade são os únicos caminhos para superar a crise mundial.

“As pessoas estão tendo que se reinventar do ponto de vista tecnológico, dos relacionamentos, da relação com a rua e da ausência disso. Nos próximos anos ainda vamos sentir muito o impacto desse movimento. Tenho certeza de que o mundo não será mais o mesmo. Essas pessoas que estão focadas em seus interesses individuais não serão tocadas pela pandemia. Mas, existe uma grande maioria que vai ser movida, que está começando a olhar para o outro, porque está sendo obrigada a olhar para si”, diz.

Sandra afirma que a pandemia sozinha não pode ser responsabilizada pela explosão do desemprego ou pela quebra do sistema de saúde brasileiro, como tanto se propaga. Para a historiadora, a crise sanitária apenas evidenciou a desigualdade e o frágil sistema econômico, e reforçou problemas que o país já enfrentava há décadas, mas vinham sendo ignorados pela maioria e, principalmente, pelos governantes.



Crédito: Ibraim Leão/Divulgação

Sandra Rita Molina, historiadora e pesquisadora



**Nada do que a gente está vivendo é novo. O que o vírus fez foi esfregar na nossa cara, mostrar que não adianta ser classe A, B ou C. Talvez esse vírus venha ensinar, através de muita dor, que os brasileiros têm que se comprometer com a vida pública. Somos uma sociedade treinada a pensar que futebol, política e religião não se discutem. Uma sociedade doutrinada a pensar que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Essas coisas têm que ser superadas. Ou aprendemos com o vírus, ou pereceremos.**

Sandra Rita Molina, historiadora e pesquisadora



Conselheira do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC) e colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Citcem) da Universidade do Porto, em Portugal, Sandra enfatiza que os desafios impostos pela Covid-19 devem ajudar os brasileiros a

refletir sobre o verdadeiro significado de cidadania, na medida em que estão sendo obrigados a pensar não apenas em si e nas suas famílias, mas no coletivo.

“Estamos vivendo três momentos: o primeiro é o de se rever individualmente; depois, quem somos nós enquanto seres humanos e cidadãos; por fim, repensar a nossa relação com o outro e o mundo. Esse é o grande desafio. Mas, os que não quiserem se transformar, não vão se transformar. Essa é uma decisão individual”, afirma.

Dessa mesma forma pensa o psicólogo e pesquisador Wanderlei de Oliveira, membro do Programa de Atenção Primária de Saúde Escolar (Proase) da Escola de Enfermagem da USP em Ribeirão Preto, destacando que existe uma tendência à reflexão neste momento de pandemia, mas talvez não seja um movimento que perdure ao longo do tempo, ou seja, não deve se transformar em uma mudança efetiva de comportamento.

“Existe uma demanda dos empresários para retomar a economia, mas existe uma demanda de pessoas também que querem voltar a consumir, porque esse é um



Wanderlei de Oliveira, psicólogo e pesquisador

modo que elas entendem que é possível existir. Se não tem essa possibilidade de sair, de poder ir às compras, ao shopping, a vida fica sem sentido. Não sinto que tenhamos uma mudança significativa de comportamento para que as pessoas sejam mais simples ou deixem de consumir o que é supérfluo”, afirma.

Oliveira concorda que, além de chorar as mortes, e também por isso, muitas pessoas devem experimentar um sofrimento psíquico agudo, resultante ainda do isolamento, da restrição de locomoção, do medo, da ansiedade, da falta de perspectiva. Com o fim da quarentena, teremos que nos adaptar e desenvolver uma nova maneira de nos relacionar, mas ainda estamos distantes do que muitos dizem ser um “novo mundo”.



**Para ser um novo mundo é preciso uma grande revolução. Não sinto esse movimento, por ora. As pessoas, obviamente, estão sofrendo. Todos sairemos desse momento com algumas mudanças, refletindo um pouco mais sobre a vida, sobre o quanto somos vulneráveis e precisamos cuidar mais uns dos outros. Mas, a transformação me parece que vai ser mais micro, no campo pessoal, e não tanto culturalmente.**

Wanderlei de Oliveira, psicólogo



Da mesma forma, o psicólogo reconhece que há muitos movimentos de solidariedade por todo o mundo. As pessoas têm se mobilizado, compadecidas com a dor do outro em alguma medida. Isso não significa, entretanto, que se tornarão mais solidárias e altruístas daqui para frente, mesmo que isso seja o ideal. A construção do futuro está sendo feita passo a passo e será necessário ter consciência sobre cada um deles.

“Todos deveríamos pensar e estar mais abertos ao espírito solidário depois que esse momento passar. Pensar como é possível formar um mundo mais solidário, manter isso ao longo do tempo. Para além disso, o bordão ‘fique em casa’ deve ser entendido no sentido de cuidar da nossa saúde e da saúde coletiva, e isso inclui a saúde mental. Quando retomarmos, mesmo que seja minimamente a vida, que não será mais a mesma, que a gente consiga dar um passo positivo em direção a uma sociedade melhor e mais humana”, finaliza.



 **SICOOB COCRED**

AUTOATENDIMENTO

# COCRED COMPLETA 51 ANOS E CRESCE EM MEIO À CRISE

**Cooperativa registra evolução de 4,6% em ativos e já possui quase 42 mil cooperados.**

**U**tizando satélites e sensores em solo, cientistas da Nasa identificaram que as medidas de isolamento adotadas em resposta à pandemia da Covid-19 reduziram o nível de poluição na atmosfera. No mesmo período, europeus ficaram encantados com peixes passeando pelas águas cristalinas dos canais de Veneza, antes escuras e mal cheirosas, porque a visitação turística havia sido suspensa quando a quarentena foi imposta aos italianos.

Os exemplos demonstram que quando o homem se une por um objetivo comum é possível transformar a história. Quando o meio é a cooperação, sempre dá certo. É com esse princípio que a Sicoob Cocred atua há 51 anos, com a certeza de que o cooperativismo pode promover igualdade e justiça financeira. Mais do que isso, cooperar pode transformar a sociedade e, por consequência, o mundo.

Criada em 1969 com o objetivo de estimular a atividade agrícola na região de Sertãozinho, oferecendo recursos e crédito com prazos e juros melhores aos produtores rurais, a Cocred carrega nas raízes não só a busca pelo desenvolvimento econômico e social das comunidades onde está inserida, mas a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e com melhores oportunidades para todos.

É por isso que a Cocred se tornou uma das maiores cooperativas de crédito do país, obtendo o mais alto grau de avaliação de risco, o Rating A3, que atesta a credibilidade, a solidez e a resistência da instituição a mudanças estruturais da economia. É por esse motivo também que, mesmo em tempos de pandemia, a cooperativa continua crescendo. Até o fim de abril, quando o Brasil já era fortemente impactado pela quarentena, os ativos da Cocred cresceram 4,6%, alcançando o total de R\$ 4,185 bilhões.



Ao ser fundada 1969, a Cocred funcionava no prédio da Copercana e da Canaoste

No mesmo período, a carteira de crédito passou de R\$ 2,72 bilhões para R\$ 2,83 bilhões, uma evolução de 4,35%. Esse crescimento representa a concessão de R\$ 118 milhões em crédito aos cooperados, que foram introduzidos na economia dos 27 municípios onde a Cocred atua, amenizando as dificuldades impostas pelo novo coronavírus e proporcionando desenvolvimento econômico e social às comunidades.

A pandemia também não diminuiu a confiança dos cooperados no trabalho da Cocred e isso pode ser demonstrado pelo crescimento de 7,35% em depósitos e investimentos em Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), que atingiram a marca de R\$ 2,65 bilhões ao final de abril. Ao mesmo tempo, o patrimônio líquido passou de R\$ 745,9 milhões para R\$ 752,7 milhões – alta de quase 1% em quatro meses.

Por fim, a cooperativa está se tornando cada vez mais forte com a adesão de novos cooperados. Entre janeiro e abril, o quadro social evoluiu 1,82%. O total de cooperados já chega a 41.906 em todo o interior paulista. Um dos mais antigos deles, o produtor rural Paulo César Canesin, de 68 anos, morador de Sertãozinho, recorda com saudosismo o início da cooperativa, a partir da demanda dos próprios produtores rurais.

“O cooperativismo sempre nos ajudou muito em insumos, em tecnologia, em crédito, em auxílio jurídico, que é muito importante. Quando a Cocred começou era bem pequena. Ela cresceu muito porque



O administrador de empresas Pedro Canesin Neto, de 37 anos, ao lado do pai, o produtor rural Paulo César Canesin, de 68 anos

sempre ofereceu muitos benefícios, principalmente aos produtores. Todo mundo procurava a Cocred para ter aquele ‘empurrãozinho’. Sempre foi uma cooperativa familiar. Até hoje o acesso é muito fácil e isso é o mais importante”, diz.

Canesin conta que a confiança no cooperativismo foi transmitida quase que geneticamente. O pai dele, Pedro Canesin Filho, foi vice-presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, a Copercana, coirmã da Cocred. De geração em geração, os princípios da cooperação foram transmitidos pela família até chegar ao administrador de empresas Pedro Canesin Neto, de 37 anos, também cooperado Cocred.

“O cooperativismo é muito importante, ainda mais na situação socioeconômica que o país se encontra. A gente tem que unir forças e as cooperativas são, na essência, exatamente isso. Acho que a relação com a Cocred se define em uma palavra: confiança. É uma instituição sólida, bem estruturada, que oferece respaldo até para quem não é produtor rural. A gente conhece todo mundo, se sente de casa”, afirma.

## Desde o começo

Produtor de cana-de-açúcar desde 1959, o agricultor Antônio Wilson Lovato, de 84 anos, morador de Pitangueiras, é até suspeito ao comentar os resultados da Cocred, afinal, ele foi um dos primeiros cooperados. Lovato conta que naquela época, em 1970, os recursos do então Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) – autarquia federal que tinha o objetivo de incentivar o setor sucroalcooleiro – não chegavam ao interior paulista. Por isso, os cooperados da Copercana e da Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo (Canaoeste) fundaram a Cocred.

“Os incentivos do governo ficavam em Piracicaba. A Cocred foi fundada porque a gente não tinha juros baixos. Então, resolvemos fundar a cooperativa de crédito e no começo foi difícil. Ninguém pegava cheque da Cocred, porque não era uma cooperativa conhecida. Eu tinha que andar com dois talões de cheque no bolso. Mas, a gente sempre teve todos os benefícios de um banco e ainda um serviço personalizado, de acordo com o que a gente precisava”, diz.

Aliás, até hoje é assim na Cocred, que oferece os mesmos produtos e serviços de um banco comercial, mas com taxas e juros menores, e atendimento diferenciado. Por isso, a cooperativa também se tornou tradição na família Lovato. Além do patriarca, os dois filhos são cooperados: o engenheiro civil Luis Antônio Lovato, de 46 anos, e o médico Wilson José Lovato, de 49 anos.



O produtor rural Antônio Wilson Lovato, de 84 anos, ao lado do filho, o engenheiro civil Luis Antônio Lovato, de 46 anos

“Desde os 15 anos eu já cuidava do nosso serviço bancário. A gente movimentava em outros bancos e eu percebia que, quando a gente criava um vínculo com um funcionário, depois de dois anos ele não estava mais lá. Na Cocred é diferente. Você cria um vínculo de amizade com a equipe, vai além da relação profissional. É muito difícil isso acontecer em bancos privados ou estatais”, afirma Luis Antônio.

O engenheiro civil continua responsável pela administração financeira dos negócios da família e conta que acompanhou cada etapa de desenvolvimento da Cocred. Luis Antônio relembra, por exemplo, que em 1997 o portfólio de produtos e serviços da instituição cresceu depois da criação do Banco Cooperativo do Brasil (Bancoob), que passou a oferecer respaldo normativo e contribuir com o fortalecimento das cooperativas de crédito.

“Coincidentemente, em 1995 havíamos dividido a antiga sociedade. Nós estávamos sozinhos e de lá para cá crescemos 300%, sempre em parceria com a Cocred. Quando precisamos de recurso para comprar uma propriedade, financiar um custeio, encontramos as portas da Cocred sempre abertas. Hoje, a gente trabalha praticamente 100% com a cooperativa. A instituição é sinônimo de confiança e de parceria, está sempre junto de você”, conclui.



# TRATO FORTE COCRED.

O INVESTIMENTO CERTO  
PARA UMA COLHEITA  
DE RESULTADOS.



Já está pensando no futuro do seu negócio e precisa de uma **linha de financiamento específica para tratores e GPSs**? Então agora você tem: **Trato Forte Cocred**, com ele você garante o solo fértil da produtividade e uma safra de ótimos resultados.

- ✓ Sem incidência de IOF diário;
- ✓ Limite de até R\$ 200 mil com rápida aprovação\*;
- ✓ Financiamento de até 100% de tratores e colheitadeiras;
  - ✓ Até 5 anos para pagar;
  - ✓ Pagamento da 1ª parcela em até 2 anos;
- ✓ Condições especiais para produtores rurais.

**Fale com o seu gerente e prepare-se para um campo vasto de possibilidades.**



Vem crescer com a gente.



# DEGRADAÇÃO AMBIENTAL NA ORIGEM DA COVID-19

**Novo coronavírus acende alerta sobre a interferência do homem no meio ambiente.**

**A** expansão desordenada das cidades, o desmatamento, a domesticação e o consumo de animais silvestres têm custado um preço caro à humanidade. Mais do que afetar o clima e a biodiversidade, a interferência agressiva nos habitats naturais causam prejuízos graves ao homem, como as milhões de mortes provocadas pelas doenças zoonóticas, aquelas transmitidas de animais para pessoas, que se tornaram manchete em todo o mundo, entre elas a Aids, o ebola, a gripe aviária e, mais recentemente, a Covid-19.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a hipótese mais provável até o momento é que o novo coronavírus (Sars-CoV-2) foi transmitido aos chineses, onde a pandemia teve origem, a partir do consumo de animais. O pangolim e o morcego, frequen-

temente vendidos vivos ou abatidos em mercados de Wuhan, epicentro da doença na China, são os principais suspeitos de serem hospedeiros do vírus. Uma versão que remete às primeiras transmissões do HIV, entre as décadas de 1920 e 1930, na África Central.

Estudos apontam que os primeiros a serem infectados pelo vírus da Aids foram integrantes das tribos daquela região africana, que caçavam e domesticavam chimpanzés e macacos-verdes. Durante as caças, muitos macacos apresentavam resistência e mordiam os caçadores. Depois de abatidos, esses animais eram carregados nas costas, fazendo com que o sangue do primata entrasse em contato com as feridas do homem. Desde então, a cura dessa doença é um dos principais desafios da ciência moderna.



Os exemplos deixam claro que o hábito de domesticar e de se alimentar de animais silvestres é apenas o reflexo do principal motivo do surgimento e propagação das zoonoses: a intervenção humana no meio ambiente. Mas, afinal, como aliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental? Como deve ser pautada a relação entre homem e natureza, após a traumática experiência da pandemia do novo coronavírus?

Essas parecem ser, ou pelo menos deveriam ser, perguntas-chaves para a humanidade a partir de agora. Porém, a discussão restrita ao combate da pandemia e sobre os conflitos decorrentes da polarização política sobre o tema ocupam o noticiário todos os dias. Enquanto isso, centenas de pessoas seguem morrendo não só de Covid-19, mas de outras doenças zoonóticas que até chegaram a ser extintas há algumas décadas, como Dengue e Febre Amarela.

Chefe do departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo (USP), Pedro Luis Cortez afirma que os governantes deveriam aproveitar as lições aprendidas a duras

penas para repensar ações e políticas públicas no sentido de interromper problemas que vêm afetando determinadas regiões do país sistematicamente.

“São lições que a gente poderia ter aprendido já há um bom tempo em relação à necessidade de um bom sistema de saneamento, informação às populações, educação ambiental para mostrar o impacto que podem ter determinadas ações à nossa própria saúde. Mas, infelizmente, isso não tem acontecido. Acredito que em relação às ações ambientais, à nossa interação com o meio ambiente, essa pandemia não vai deixar nenhuma lição, embora seja evidente”, diz.

Professor de universidades em Portugal, Argentina, Chile e México, e coordenador da Rede Internacional de Estudos Sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade (Rimas), que agrega pesquisadores de 23 universidades em oito países, Cortez afirma que é preciso planejamento estrutural para reduzir a incidência das doenças zoonóticas, alertando que não está descartada uma nova epidemia de Covid-19 nos próximos anos, já que o vírus pode sofrer mutações.



**Não é uma questão de partido político ou bandeira ideológica. O mosquito da Dengue e da Febre Amarela não tem bandeira do partido A, B ou C. Ele não tem ideologia X, Y ou Z. Mas, ele vem se manifestando há vários anos, independente de quem está de plantão no partido da cidade, do governo do estado ou do governo federal. Então, temos um problema sistêmico que tem colocado várias populações em risco e a gente não consegue atacar.**

Pedro Luis Cortez, chefe do departamento de Informação e Cultura da ECA/USP



Apesar de reconhecer o *lobby* ambiental sobre o agronegócio, principalmente em relação ao avanço das áreas cultiváveis e da pecuária no país, Cortez afirma que o maior impacto das zoonoses não ocorre na zona rural, mas em área urbana, onde há maior densidade populacional. Nesse sentido, o crescimento irregular das cidades sobre matas e zonas protegidas é o principal motivo para o desequilíbrio, que ameaça a saúde da população.

“Infelizmente, o que a gente tem visto ao longo da história é que não há uma preocupação grande em relação ao avanço do homem em áreas naturais. A manutenção de reservas, de áreas protegidas, tem uma função muito importante no sentido de

preservar o ambiente natural como ele é, mas também de manter essas doenças restritas, ou seja, criar uma espécie de cordão de isolamento para que essas doenças que afetam animais silvestres, espécies selvagens, não sejam transmitidas às pessoas”, explica.

Nesse sentido, Cortez destaca a importância da preservação de cinturões verdes e até dos chamados “corredores de interconexão”, que permitem o trânsito de animais silvestres sem que haja contato com o homem. É claro que os moradores nas proximidades dessas matas estarão mais suscetíveis, mas o risco de contágio em larga escala reduz exponencialmente e o controle das doenças se torna mais efetivo e rápido.

“É fundamental ter áreas preservadas, cinturões, porque você cria condições para que a vida silvestre fique adequadamente ocupando esses espaços. Quando você começa a invadir de maneira desordenada, a vida selvagem de maneira geral acaba entrando nas áreas urbanas, interferindo no nosso dia a dia, além de criar uma proximidade que



Crédito: Renato Lopes/Divulgação

Juliano Bortoloti, advogado do escritório BBMO

nem sempre é interessante para nós, porque existe essa possibilidade de transmissão de doenças”, afirma o pesquisador.

A legislação ambiental brasileira contempla o tema. Aliás, esse conjunto formado por 17 leis é considerado um dos mais completos do mundo, apesar de nem sempre ser cumprido de maneira adequada. Advogado especialista em direito público, com ênfase em direito ambiental e agrário, Juliano Bortoloti destaca que os países também seguem determinações da Organização Mundial da Saúde (OMS) relacionadas a questões sanitárias, justamente para evitar contágios como ocorreu com o Sars-CoV-2.



**No Brasil, temos o aparelhamento estatal altamente capacitado e reconhecimento mundial do controle sanitário, das relações entre o homem e os animais não-pensantes. Isso existe até por exigência do comércio global e o Brasil é um país que faz muito comércio externo. Por conta das exigências internacionais, temos um grande aparelhamento para ter condições de exportar. Estamos extremamente capacitados e à frente em relação aos demais países do mundo.**

Juliano Bortoloti, advogado do escritório BBMO



Assim como o pesquisador da USP, o advogado reforça a necessidade de se discutir formas para que a atividade humana tenha o menor impacto possível sobre o meio ambiente. Quando isso for inevitável ao desenvolvimento, é preciso criar instrumentos de compensação, reconhecendo o importante papel que o ambiente desempenha para o bem-estar humano e a prosperidade econômica mundial.

“Toda atividade humana ou não-humana, de animais, degrada a natureza de alguma forma, em alguma proporção. O segredo é interagir de forma a menor agredir ou compensar pelas agressões. Para isso, existem os licenciamentos ambientais. O segredo é produzir dentro de alguns critérios para causar a menor degradação possível e quando ocorrer a degradação necessária, criar instrumentos de compensação, regras adequadas, que devem ser observadas”, conclui o advogado.

# COCRED AMPLIA SERVIÇOS EM CANAIS DIGITAIS

## Em tempos de pandemia, tecnologia se torna aliada dos cooperados.

**P**roprietário de um açougue em Morro Agudo há mais de cinco décadas, José Boer Sobrinho é um bom exemplo de que conectividade não é só coisa de jovem. Aos 72 anos, o empresário administra todo o negócio pelo computador e prefere usar o aplicativo da Sicoob Cocred, a qual é cooperado há nove anos, para realizar as transações financeiras, sejam comerciais ou pessoais.

“Eu faço tudo pela internet e acho muito bom, estou satisfeito com o atendimento. Pago boleto, confiro extrato, consigo fazer tudo pela internet. Só vou à agência para fazer depósito, e ainda uso o caixa eletrônico. Quando não sei alguma coisa, vou aprendendo. Eu aprendi tudo sozinho, fui me virando. Até compra eu tenho feito pela internet”, diz.

Realmente, o mundo está cada vez mais digital e hoje é possível fazer quase tudo por aplicativo, desde a contratação de um serviço ao agendamento de exames e consultas, passando por todos os tipos de compras e, claro, transações financeiras. Aliás, em tempos de pandemia, a tecnologia se tornou a maior aliada das pessoas, já que a circulação pelas ruas ficou restrita.

Nesse sentido, alinhada ao compromisso de se adaptar às necessidades dos cooperados e com o objetivo de que eles tenham na palma da mão todas as ferramentas para administrar suas finanças e investimentos, a Cocred ampliou os serviços digitais e possibilitou a contratação de mais produtos pelo aplicativo, por SMS e pela maquininha de negócios Sipag.



José Boer Sobrinho, cooperado da Cocred há 9 anos, no açougue em Morro Agudo



Egidio Luiz Gueraldi, consultor de Produtos e Serviços da Cocred

Hoje, pelo aplicativo Sicoob é possível fazer mais de 200 operações, como consulta de saldo e extrato, recarga de celular, transferências, pagamentos, aplicações, solicitação de empréstimo, contratação de seguro de vida, consórcio, poupança, RDC e RDC Escalonado, sem a necessidade de enfrentar filas ou aglomerações.

Consultor de Produtos e Serviços da Cocred, Egidio Luiz Gueraldi explica que também é possível contratar o crédito pré-aprovado pelo celular ou computador com a mesma segurança da agência, e usufruindo de taxas e condições competitivas. Além disso, o cooperado escolhe na hora da contratação a quantidade de parcelas e a melhor data para pagamento.

“O limite pré-aprovado é oferecido automaticamente pelo sistema de acordo com a análise do próprio cadastro. Essa pontuação foi revista e foram atribuídos limites, inclusive maiores do que os pré-existentes. A Cocred tomou essa decisão com o intuito de amparar os cooperados neste momento de pandemia”, afirma Gueraldi.

Outra inovação é o estabelecimento de um novo fluxo de cadastro de senhas. No aplicativo, o cooperado pode autenticar um código de acesso, efetivação e liberar dispositivos, sem precisar se deslocar a um caixa eletrônico para fazer todo o procedimento, apesar de os terminais – e os próprios postos de atendimento – continuarem abertos e disponíveis.

“Além de oferecer facilidade na contratação dos produtos, o cooperado decide valores, tem liberdade para contratar o que ele realmente precisa. Isso

tudo é uma tendência, as compras de forma geral estão crescendo mais no meio virtual do que em lojas físicas. A nova geração está ávida por esse tipo de serviço e temos que estar em sintonia com essa demanda”, diz Gueraldi.

O aplicativo também permite movimentar a poupança, deixando programadas as aplicações ou os resgates. Neste momento de pandemia, poupar tem sido uma das principais escolhas dos brasileiros que buscam uma reserva financeira. Segundo dados do Banco Central, a caderneta de poupança registou em abril o maior volume em depósitos líquidos em um único mês em toda a série histórica: R\$ 30,5 bilhões.

Além da possibilidade de acesso pelo aplicativo, a poupança Sicoob Cocred oferece isenção de Imposto de Renda e Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), cartão gratuito, livre movimentação de pequenas ou grandes quantias, rendimento na data de aniversário dos depósitos e a garantia do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop).

Já os empreendedores que usufruem dos benefícios da Sipag contam com a possibilidade de antecipar os recebíveis direto na maquininha, transformando o dinheiro que receberia no futuro em caixa presente, obtendo capital de giro para movimentar o negócio. Também é possível contratar a antecipação pelo portal Sipag e pela Central de Atendimento.

“O próprio cooperado faz a solicitação. Ele efetua a venda hoje e, de acordo com a atividade, tem um prazo para receber, que é em média de 30 dias. Se o fluxo de caixa reduzir e houver necessidade, ele solicita a antecipação através da maquininha. A Cocred vai depositar no mesmo dia, caso a contratação seja feita até meio-dia, ou na manhã do dia seguinte”, diz Gueraldi.

O cartão de crédito, aliás, tem sido aliado durante a pandemia, já que possibilita o pagamento sem a necessidade de manuseio das cédulas de dinheiro, que circulam entre a população e podem transmitir o novo coronavírus. Os cooperados que utilizam o Sicoobcard podem usar o aplicativo para verificar as últimas transações, o limite disponível, o valor da fatura e até solicitar o parcelamento ou o pagamento mínimo dela.

“Neste momento em que a ida à agência está limitada, o gerente passa a ser um orientador, a pessoa que vai adequar os produtos às necessidades do cooperado. O gerente é o profissional preparado para ofertar o melhor produto ou serviço, a melhor taxa, a melhor alternativa, pensando no melhor para o cooperado, porque se ele ganha, a cooperativa também ganha”, afirma Gueraldi.

**PRODUTOS E SERVIÇOS  
DIRETO NO CELULAR  
E SEM SAIR DE CASA?  
Na Cocred tem.**



[cocred.com.br](http://cocred.com.br)

📱📺📺 [sicoobcocred](#)

Ouvidoria - 0800 725 0996 - Atendimento seg. a sex. das 8h às 20h  
[www.ouvidoriasicoob.com.br](http://www.ouvidoriasicoob.com.br)

Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458

Você sabia que é possível contratar vários produtos e serviços através dos canais digitais da Cocred sem precisar sair de casa?

Nesse momento de isolamento social a Cocred, uma das maiores cooperativas financeiras do país, está à disposição para cuidar de você e da sua saúde financeira também.

### BAIXE AGORA:



### Contrate sem sair de casa:



**Crédito Pré-Aprovado\***



**Investimentos RDC e RDC Escalonado**



**Antecipação de Recebíveis**



**Consórcios**



**Parcelamento de Fatura de Cartão**



**Seguro de vida individual e empresarial**



**Poupança**

**Entre em contato com seu gerente para saber mais.**

ideacore

\* Serviço sujeito à disponibilidade de limite.

 **SICOOBCOCRED**

Vem crescer com a gente.



# LIVES DÃO FÔLEGO A ARTISTAS NA QUARENTENA

## Shows transmitidos pela web também cumprem função social.

O distanciamento social determinado pelos governos na tentativa de evitar o avanço do novo coronavírus impôs uma nova realidade ao mundo todo. Indústria, comércio, prestadores de serviços e muitos outros segmentos foram duramente afetados pela quarentena, mas nenhum deles sofreu tanto quanto o setor cultural. Com a palavra aglomeração abolida do cotidiano, ficou impossível produzir discos, shows, recitais, espetáculos, peças... A classe artística percebeu que era preciso se reinventar.

Protagonista nessa pandemia – depois da ciência, é claro – a tecnologia cedeu as ferramentas que possibilitaram a músicos, atores, dançarinos, humoristas e tantos outros continuarem compartilhando experiências, mesmo que fisicamente distantes. O cenário mudou de uma hora para outra

e as *lives*, até então restritas a blogueiros e *youtubers*, se tornaram febre e ganharam função social, já que muitos artistas aproveitaram esses “shows online” para arrecadar doações a famílias de baixa renda e instituições que estão na linha de frente do combate à Covid-19.

“As pessoas pensam que é simples, mas não é. Você tem toda a equipe usando máscara, distante uns dos outros, todos muito nervosos porque é ao vivo, tudo o que acontecer vai ao ar, os aparelhos podem não funcionar e quem está fazendo a *live* fica com muito medo de dar errado. É tudo muito incerto, apesar dos testes”, afirma o cantor sertanejo Lucas, que faz dupla com o irmão Luan. Os dois realizaram uma *live* em prol da Santa Casa de Sertãozinho (SP), onde moram, e de produtores de eventos, que estão temporariamente sem renda.



Lucas & Luan se apresentaram pela última vez em fevereiro. Desde então, a dupla não subiu mais ao palco profissionalmente. Os sertanejos perderam seis shows em março e outros oito em abril. Entre maio e junho, o prejuízo financeiro soma quase R\$ 1 milhão, depois que as 15 apresentações previstas para ocorrer em Tocantins foram canceladas. Lucas diz que a classe artística foi a primeira a parar e deve ser a última a retomar as atividades.

“O mundo parou totalmente, de uma vez. A gente sofreu demais com essa parada. A expectativa de reativar esses contratos a gente não sabe. Ficou difícil, tanto do nosso lado, quanto dos contratantes, um prejuízo imenso. Nossa equipe de 20 pessoas está parada e cada um deles tem entre três e quatro integrantes na família. É uma situação que a gente não sabe como agir”, desabafa.

Com quase 30 anos de carreira, Lucas diz que ficou à vontade ao conduzir a live, transmitida da casa onde ele e o irmão moram em Sertãozinho. Bem humorado e de fala simples, o cantor compara a experiência às inúmeras participações que fez ao lado de Luan em programas de televisão, destacando, é claro, a ausência de um apresentador e o tempo de exposição. A live de Lucas & Luan teve quase quatro horas de duração.

“

**A internet é uma televisão em que você faz a sua programação, nada é imposto, você se conecta ao que quiser. Por isso, creio que as lives vão continuar, mas nem todos os artistas terão sucesso. Penso que elas serão mais pessoais, entre o artista e os fãs. Não vai existir o apelo, a comoção como agora, neste momento de pandemia. Por outro lado, a parceria entre empresas patrocinadoras e artistas vai ser duradoura, e muito boa para as carreiras.**

Lucas, cantor

”

A opinião de Lucas é compartilhada pela cantora Jacqueline Falcheti, que estava em turnê pela Europa quando os países daquele continente começaram a decretar o lockdown. Na Alemanha, Jacque pegou um voo de volta para casa. Os shows agendados no Brasil em março e abril também foram cancelados. Já a gravação de um disco prevista para abril chegou a ser remarcada para junho, mas foi adiada por tempo indeterminado após a prorrogação da quarentena.

“Fui bastante impactada, acho que todos da área musical foram. Está todo mundo em casa tentando se

reinventar. Com tudo cancelado, comecei a organizar minhas redes sociais, produzir conteúdo, porque ficamos totalmente online. Pensava como poderia produzir conteúdo e ainda como monetizar isso. Porque uma coisa é produzir conteúdo para as pessoas consumirem em casa. Mas, e você que está produzindo e não está recebendo por aquilo?”, questiona

Mais do que disseminar seu talento em vídeos e lives, inclusive com a participação de outros músicos, Jacque percebeu que poderia transmitir seu conhecimento sobre produção musical e autogestão de carreira aos colegas que, assim como ela, também não podem voltar aos palcos. As aulas se transformaram em stories no Instagram, exclusivos para assinantes, com a ajuda da ferramenta Close Friends, ou “amigos próximos”, em português.



Crédito: Edilson Teixeira/Divulgação

Jacqueline Falcheti, cantora e produtora musical

“

**A gente percebeu que dá para fazer muita coisa, cada um no seu espaço, e estar presente em muitos espaços. Então, por mais que possam voltar os shows, a live é uma alternativa para os artistas chegarem a muitos lugares. Com certeza, vai se tornar uma prática comum. Agora, o grande impasse é descobrir como monetizar isso. Tem gente colocando patrocínio, promovendo lives com links privados. O caminho é explorar as plataformas e descobrir o que pode ser feito.**

Jacqueline Falcheti, cantora e produtora musical

”

A explosão de lives durante a pandemia demonstra que a ferramenta deve se tornar tendência não só no meio musical, mas também nos negócios e nas relações sociais. Não se trata de uma nova realidade. A transformação digital que já vinha acontecendo só foi acelerada e o que talvez fosse demorar décadas ocorreu em dois meses. Segundo o site de notícias norte-americano *Business Insider*, o Instagram registrou aumento de 70% no uso das *lives* apenas em março, mês em que as medidas de distanciamento social passaram a ser adotadas em todo o mundo.

O consumo de serviços de *streaming*, como Netflix e Amazon Prime, também cresceu 20% no mesmo período, ainda de acordo com o *Business Insider*. Apesar de tudo isso, é fato que as transmissões em vídeo pela internet jamais substituirão a experiência estética e sensorial de estar em um show, assistir a uma palestra, participar de uma reunião ou de um encontro entre amigos, ou familiares, pessoalmente.

“A experiência de uma performance ao vivo não é a mesma de estar apenas assistindo, ser telespectador. Você não está sentindo a vibração, o cheiro. A gente fica limitado a dois sentidos: visão e audição. Acredito que a *live* será uma extensão, não vai predominar sobre os shows. Além disso, todo mundo está saudoso porque sabe o quanto o contato humano é importante e agora mais do que nunca”, afirma Jacque.

É lógico que as *lives* podem ajudar a diminuir o estresse e o tédio de ficar dentro de casa por muito tempo, mas não substituem a energia contagiante de estar em um show, frente a frente com o seu

ídolo. Se da parte do público isso é quase consenso, entre os artistas também. Considerado um dos mais experientes cantores da música sertaneja brasileira, com 72 anos de idade, o cantor Matogrosso diz que está sentindo falta do contato próximo com os fãs.

“As *lives* vieram como meio de interação com o público, levando divertimento em um momento complicado e ajudando as pessoas que mais precisam. Foi super importante, digamos, essencial. Mas, um show de pertinho é maravilhoso. Estou com saudades de tudo: da estrada, dos palcos, do calor dos abraços no camarim. Espero poder voltar a viver esses momentos o quanto antes”, afirma.

Ao lado do sobrinho e companheiro de dupla, Mathias, o experiente sertanejo arrebatou mais de 1,2 milhão de visualizações na “Live in the Farm”, em 17 de maio. Matogrosso conta que a experiência de se apresentar pela internet foi diferente das que já teve ao longo da carreira, que começou na década de 1970. O setentão nunca deixou de ficar em evidência e acompanhou o avanço do mercado fonográfico e do *show business* brasileiro.

“Fiquei muito ansioso, porque é um show ao vivo, tudo igual, só que o público não está ali. Então, é bem parecido, mas diferente ao mesmo tempo. Renovação, essa é a minha marca. Não é possível se manter em atividade há 45 anos sem se renovar. Essa transformação se fez necessária. Pelo momento, descobrimos muitas coisas novas, nos adaptamos a outras. Existem coisas positivas até nos momentos mais difíceis, tudo é benção, tudo é lição”, afirma.



Dupla Matogrosso & Mathias

cocred.com.br

@sicoobcocred



# O BRASIL VOLTARÁ A CRESCER.

**Esteja preparado.**

**RDC** Rendimentos de até  
**125% do CDI**

**LCA** Rendimentos de até  
**115% do CDI**  
Isento de IR para Pessoa Física

Investimentos da Cocred, com rendimentos melhores que a média do mercado, para você prosperar no futuro.

Invista hoje com a gente.  
**Consulte as condições com o seu gerente.**

 **SICOOB COCRED**  
Vem crescer com a gente.

# COCRED APOIA LIVES EM PROL DE HOSPITAIS E FAMÍLIAS EM RISCO

**Lucas & Luan, Matogrosso & Mathias e Munhoz & Mariano realizaram shows online e arrecadaram doações.**

**E**m tempos de isolamento social, a Sicoob Cocred encontrou mais uma forma de estar próxima da comunidade. Além de doar 5 mil cestas básicas a famílias em situação de vulnerabilidade social e um respirador à Santa Casa de Sertãozinho, a cooperativa apoiou *lives* de três duplas sertanejas que se mobilizaram para ajudar quem mais precisa neste momento de pandemia.

O “Patrocínio Solidário Cocred” foi planejado em sintonia com o 7º princípio do cooperativismo, que é o interesse pelo desenvolvimento e bem-estar da comunidade. Por isso, ao mesmo tempo em que os shows divertiram quem ficou em casa, espantando o tédio e a ansiedade da quarentena, abriram espaço para doações a hospitais e pessoas em dificuldade econômica.

A série de lives começou no dia 8 de maio com o show “Sextou em Casa com Lucas & Luan”, direto da casa dos irmãos em Sertãozinho. Por quase quatro horas, Lucas & Luan cantaram sucessos sertanejos e hits que tornaram a dupla conhecida em todo o país, ainda na década de 1990, como “Horizonte Azul” e “Mexexue É Bom”.

A Sicoob Cocred deu o pontapé inicial nas doações, destinando uma tonelada de alimentos a profissionais de eventos que ficaram temporariamente sem renda por conta da pandemia. A cooperativa também doou R\$ 4 mil à Santa Casa de Sertãozinho para a compra de equipamentos de proteção, como máscaras, óculos e jalecos.





Cerca de 55 mil pessoas visualizaram o show no YouTube e reviveram os 30 anos de carreira de Lucas & Luan, que não economizaram nos modões, como “Saudade da minha terra” e “60 dias apaixonado”. A live foi encerrada com a canção “Tocando em Frente”, considerada hino da música sertaneja brasileira.

Em 17 de maio, Matogrosso & Mathias surpreenderam com a “Live in the Farm”, transmitida da fazenda do cantor Matogrosso, em Pardinho, no interior paulista. A dupla cantou sucessos dos 40 anos de carreira, quase que abraçados pelo crepúsculo de domingo. Com a chegada da noite, o palco se transformou com a iluminação e o show ficou ainda mais bonito, e animado.

A live foi acompanhada por quase 1,3 milhão de pessoas. Matogrosso & Mathias arrecadaram doações ao Hospital de Amor, o antigo Hospital de Câncer de Barretos, que atende pacientes de todo o país gratuitamente. Durante o show, a Sicoob Cocred destinou R\$ 8 mil à instituição para compra de equipamentos de proteção individual (EPIs).

A dupla também recebeu donativos para o Projeto Fome de Música, que reúne artistas, produtoras, shows, festas, festivais e, claro, o público, em busca de alimentos a famílias que mais precisam. Matogrosso & Mathias arrecadaram 6 toneladas de alimentos e 1 mil produtos de higiene pessoal.

Por fim, em 26 de maio, Munhoz & Mariano tiraram o fôlego dos fãs por mais de três horas e meia durante a “Live Show dos Munhoiz”, com jeito de apresentação inédita, incluindo cenário e iluminação especiais, banda no palco, novos arranjos e muito profissionalismo. O resultado não poderia ser outro: mais de 590 mil acessos.

A dupla recebeu mais de 40 toneladas de alimentos, que foram destinadas a instituições sociais que estão na linha de frente do combate à pandemia da Covid-19 e famílias de todo o país que enfrentam dificuldades financeiras durante a crise.

A Sicoob Cocred acredita que por meio da cooperação e da solidariedade é possível amenizar as dificuldades impostas pela pandemia. Aliás, esse é o objetivo da campanha “Vamos juntos superar!”, que estimula a realização de ações solidárias e a utilização dos canais digitais, com mais conforto e proteção.



Dupla Munhoz & Mariano

 SICOOP COOPCRED

  
EXCLUSIVO  
PARA  
COOPERADOS

  
EXCLUSIVO  
PARA  
COOPERADOS

# COCRED INAUGURA AGÊNCIA EM SERTÃOZINHO

**Unidade em frente à Praça 21 de Abril substitui antigo posto na Rua Expedicionário Lellis.**

**D**esde junho, os cooperados da Sicoob Cocred contam com uma agência novinha, bem no Centro da Sertãozinho, com todos os serviços que a cooperativa oferece: atendimento presencial e personalizado, operações de crédito, caixas eletrônicos, entre outros.

Localizada na Rua Aprígio de Araújo, n.º 1.070, em frente à Praça 21 de Abril, a unidade substitui à que funcionou por quase 11 anos na Rua Expedicionário Lellis, n.º 1.442. Por isso, as contas dos cooperados atendidos na antiga agência, passam agora para o novo posto. O telefone também mudou: (16) 3946-2670.

Com 513 metros quadrados de área construída, a nova agência possui três terminais eletrônicos e outros cinco caixas para atendimento presencial, 10 baias para gerentes

de contas, três vagas de estacionamento exclusivo em frente à unidade e convênio com o estacionamento ao lado. A inauguração ocorreu no dia 1º de junho.

Além da nova agência no Centro da cidade, os cooperados contam com outros dois postos de atendimento em Sertãozinho: uma na Rua Doutor Pio Dufles, n.º 130, bem ao lado da sede da cooperativa, e outra na Rua Doutor Pio Dufles, n.º 556, em frente ao Supermercado Copercana.

Com 51 anos de história e quase 42 mil cooperados, a Cocred é considerada uma das maiores cooperativas de crédito do país, oferecendo soluções a pessoas e empresas, além de fomentar o desenvolvimento econômico e social nas 27 cidades onde está presente.



# OCAUÇU É 'CASA GRANDE' E ACOLHEDORA NO INTERIOR DE SP

**Produção agrícola e pecuária movem a economia da cidade com 4,2 mil habitantes.**



**D**istante 425 quilômetros da capital paulista, Ocaçu é uma das cidades mais jovens do estado de São Paulo, comemorando 60 anos. O nome é de origem indígena e em Tupi significa “casa grande”, contração de oka (casa) e guaçu (grande), e faz menção ao nome de Celeste Casagrande, imigrante italiana proprietária das terras onde hoje se localiza o município.

Em 1928, Celeste fez um loteamento e cedeu parte dele à construção de uma igreja dedicada a Santo Antônio, padroeiro local. Seis anos depois, a localidade se tornou distrito do então município de Campos Novos, já com o nome de Casa Grande. Em 1938, o distrito foi transferido para Bela Vista – atual Echaporã – e, em 1944, passou a pertencer a Marília, com o nome de Ocaçu. A emancipação ocorreu em 1959 e a instalação oficial se deu no ano seguinte.

E foi justamente como uma “casa grande” e acolhedora que Ocaçu recebeu os imigrantes mineiros e os emigrantes italianos ainda no século 19, à medida que as estradas de ferro avançavam pelo interior do país, junto com o desenvolvimento da cultura cafeeira. Aliás, foi o café que movimentou a economia local até bem pouco tempo atrás.



“Ocaçu é uma cidade jovem, mas que está crescendo, com uma população pujante. O período entre as décadas de 1960 e 1990 foi marcado pelo auge do café. Depois, esse cultivo foi perdendo espaço e a competitividade para outros tipos de cultura”, conta o empresário Ezio Antônio Marzola, ex-prefeito e um dos cooperados mais antigos da Sicoob Cocred na cidade.

Marzola é pecuarista e produtor de mandioca, uma das culturas mais fortes no local atualmente. Dados mais recentes do IBGE apontam que a produção da raiz na cidade em 2017 chegou a 53 toneladas. Ocaçu conta ainda com três fábricas de farinha de mandioca. O município também é produtor de cana-de-açúcar, laranja, milho, soja, melancia, manga e maracujá.



**Eu nasci em Ocaçu, moro em Ocaçu e não quero mudar de Ocaçu. Meu comércio fica na cidade e, por conta disso, nem tenho ido mais a Marília. Para mim, está bom desse jeito. Tenho sossego, segurança. O que mais posso esperar? Vivo uma vida pacata, mas boa. Estamos só esperando a pandemia passar para retomar a vida.**

**Ezio Antônio Marzola, empresário**



Mandioca também é o sustento do produtor rural Alfredo Jacomini Junior, cooperado da Sicoob Cocred há quase 20 anos. A família sempre produziu café, até

que na década de 1980 decidiu mudar a lavoura e passou a investir também em gado. As apostas foram certas: com o passar dos anos, mandioca e pecuária se tornaram a força motriz da economia local.

Levantamento mais recente do IBGE aponta que o rebanho de Ocaçu em 2018 somava 24,5 mil cabeças de bovinos, equinos, suínos, galináceos, ovinos, bubalinos e muares, quase seis vezes a população local, que atualmente é de 4.289 habitantes.

“Moro em Marília, mas as coisinhas que eu cuido ficam em Ocaçu. Mexo com mandioca, boi, garrote e fábrica de farinha também, tudo em Ocaçu. Também trabalho com cana, tenho uma fazenda arrendada em Teodoro Sampaio. Assim, a gente vai tocando a vida”, diz o produtor rural com a simplicidade dos ocaçuenses.

Viver em Ocaçu é realmente ter qualidade de vida e tranquilidade. Com 301 quilômetros quadrados de extensão, o município é cercado por belas paisagens de natureza preservada. Ocaçu também é uma das cidades mais arborizadas do estado: 98,4% das vias públicas têm alguma espécie de árvore, segundo censo do IBGE.

O índice de criminalidade calculado pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo reforça a teoria de que Ocaçu é bom lugar para se viver. Em todo o ano passado, apenas três roubos e oito acidentes de trânsito foram registrados no local.

“A cidade melhorou muito ao longo dos anos. Continua sendo uma cidade pequena, mas é uma cidade boa, ótima para se viver. Sempre foi uma sossegada, tranquila, oferece boa qualidade de vida, tem muito serviço e gente com vontade de trabalhar”, diz Jacomini Junior.



**Alfredo Jacomini Junior, produtor rural e cooperado da Sicoob Cocred há quase 20 anos**



# COOPERATIVISMO À FRENTE DA INCLUSÃO FINANCEIRA

## Agenda BC# cita cooperativas de crédito como modelo ideal para reduzir ‘desbancarizados’.

**A**s intermináveis filas em frente às agências da Caixa Econômica Federal, formadas por brasileiros em busca do auxílio emergencial oferecido pelo governo na tentativa de minimizar as dificuldades impostas pela pandemia, evidenciaram a desigualdade social e a realidade sobre o número de desempregados e trabalhadores informais no país. Mais do que isso, essas aglomerações tornaram clara a necessidade de inclusão bancária, comprovada pelo próprio governo federal ao lançar contingencialmente a poupança social digital para que 40,5 milhões de pessoas pudessem receber os R\$ 600 devidos.

Os chamados “desbancarizados” representam uma fatia importante da população, a ponto de o Banco Central incluir o tema na Agenda BC# – série de medidas que serão adotadas ao longo dos próximos anos para tentar melhorar a saúde financeira e, consequentemente, a economia brasileira. As cooperativas de crédito são tratadas nessa pauta e citadas, inclusive,

como modelo ideal para incluir mais brasileiros no Sistema Financeiro Nacional (SFN).

Chefe do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Não Bancárias do Banco Central, Harold Paquete Espínola Filho diz que as cooperativas de crédito têm ampla capilaridade em todo o Brasil e, como não visam o lucro, conseguem ser viáveis mesmo em pequenos municípios ou comunidades com perfil econômico menor, possibilitando o acesso de pessoas com baixa renda a produtos e serviços financeiros.

Ao mesmo tempo, ainda que o uso de canais digitais tenha crescido no país, chegando a representar 66% do total de transações realizadas, segundo o Relatório de Cidadania Financeira do Banco Central, os postos de atendimento presenciais continuam tendo uma importância muito grande. Nesse sentido, as cooperativas de crédito saem na frente, sendo a única opção de serviço financeiro aberta ao público em quase 600 dos 5,5 mil municípios brasileiros.



Crédito: Raphael Ribeiro/BCB

Harold Paquete Espínola Filho, Chefe do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Não Bancárias do BC



**Como estão fortemente inseridas no dia a dia das regiões onde atuam, as cooperativas enxergam a realidade de cada comunidade por dentro e, com isso, mapeiam as necessidades, os potenciais e as oportunidades. Esse ajuste fino do encontro entre o que ofertam e o que os cooperados efetivamente precisam – e querem – está ligado ao crescimento do cooperativismo de crédito. É um processo recíproco, pois a comunidade se beneficia e cresce junto.**

Harold Paquete Espínola Filho, Chefe do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Não Bancárias do BC



Realmente, as cooperativas de crédito estão presentes em quase 100% do território nacional e juntas formam a maior rede de atendimento financeiro do país, oferecendo produtos e serviços semelhantes a um banco convencional, como conta corrente, investimentos, empréstimos, financiamentos, planos de previdência e seguros, com taxas e juros cerca de 30% menores. Além disso, o cooperativismo não visa lucro e os resultados são divididos entre os cooperados.

Espínola Filho destaca que desde o lançamento da Agenda BC# as cooperativas já foram autorizadas a captar diretamente poupança rural, letras financeiras, poupança habitacional e letras imobiliárias garantidas. Ao mesmo tempo, foram ampliados os limites para operações entre entidades de um mesmo sistema cooperativo. A pauta continua com a discussão no Congresso do Projeto de Lei Complementar n.º 130/2009, apresentado em março deste ano, que trata da reforma do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC).

“Nas tratativas entre Banco Central e SNCC foram estabelecidas metas de crescimento que compõem a Agenda BC# Cooperativismo. Uma delas indica como objetivo que o cooperativismo passe a representar 20% do crédito no âmbito do SFN, consideradas as modalidades em que efetivamente atua. Se por um lado temos todos os desafios que o momento traz, devemos, por outro, lembrar que historicamente a expansão do crédito no âmbito do cooperativismo é muito mais resiliente a crises, tendo um papel anticíclico relevante”, completa.

## Desenvolvimento Econômico

Outro aspecto que torna as cooperativas de crédito alternativa segura, além de mais vantajosa, é o Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop), similar ao Fundo Garantidor do Crédito (FGC) e que oferece a mesma garantia de depósito dos bancos comerciais. O FGCoop assegura valores até R\$ 250 mil por depositante, em caso de intervenção ou liquidação extrajudicial da cooperativa.

Ex-assessor do Banco Central e ex-diretor executivo do FGCoop, Lúcio César de Faria destaca que se tornar um “bancaizado” é muito mais do que ter conta em instituição financeira. Esse é apenas o primeiro passo para ter acesso a outros produtos e serviços, principalmente crédito, seja para uso próprio ou investimento em atividade produtiva. De uma forma, ou de outra, a pessoa vai movimentar a economia.

Estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) comprova que as cooperativas de crédito geram acréscimo de 5,6% no Produto Interno Bruto (PIB) per capita das cidades onde estão presentes, aumentam em 6,2% o número de vagas de trabalho formal e em 15,7% o total de estabelecimentos comerciais. Além disso, cada R\$ 1 concedido em crédito pelas cooperativas gera R\$ 2,45 na economia local.

“Nessa linha de alcançar os ‘desbancaizados’ é importante ressaltar que o Banco Central, ao mesmo tempo em que prestigiou o cooperativismo dentro da inclusão financeira, traçou como meta ampliar

a participação dele, a presença física mesmo, nas regiões norte e nordeste, e ampliar os negócios com operações de crédito com associados de mais baixa renda”, detalha.

Além de tudo isso, as cooperativas de crédito têm um compromisso com o desenvolvimento e o bem-estar social das comunidades onde estão inseridas. Por isso, mais do que proporcionar inclusão, essas instituições se preocupam com a educação financeira, já que os cooperados também são “donos do negócio” e por esse motivo devem saber administrar seus recursos.



Lúcio César de Faria, ex-assessor do BC e ex-diretor executivo do FGCoop

“Uma instituição consciente oferece programas de educação financeira para que essas pessoas possam gerir melhor os seus recursos. Não é só abrir uma conta ou ter um financiamento, é ter acesso a programas de educação financeira para aprender a poupar, por menor que seja o grau de poupança, aprender a separar os recursos da atividade produtiva dos recursos pessoais, entre outras questões”, explica Faria.

Ainda segundo o ex-diretor executivo do FGCoop, mesmo que a bancarização seja importante nesse momento de crise econômica, não se trata de uma solução única. Na opinião dele, a recuperação depende de ambientes político, jurídico e econômico seguros, e principalmente da geração de emprego e renda. Em outras palavras, as políticas governamentais têm um papel relevante na superação da crise ocasionada pela pandemia.



**O maior desafio é retomar a atividade econômica em um nível elevado. Não existe bancarização sem renda. A renda pode vir por meio de programas de governo, como bolsas e auxílios, mas para impactar a economia deve vir de uma renda de trabalho. Em uma economia capitalista, como a nossa, deve haver ambiente seguro para que o empreendedor desenvolva sua empresa e leve junto uma cadeia de benefícios decorrentes dessa geração de emprego e renda, o que permitirá a bancarização de mais pessoas.**

Lúcio César de Faria, ex-assessor do BC e ex-diretor executivo do FGCoop



É fato que o acesso e o uso adequado dos serviços financeiros, como crédito e poupança, podem reduzir o número de famílias e empresas em dificuldade neste momento de pandemia. Mas, para o chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central, Luis Mansur, é imprescindível que esses serviços tenham custo justo, ou seja, taxas menores, e sejam adequados às necessidades das pessoas.

“A crise pela qual estamos passando é complexa, com múltiplos fatores envolvidos. O que se pode dizer é que o acesso a serviços financeiros e o uso deles de forma adequada às necessidades das pessoas contribui não só para a qualidade de vida delas, como também para o desenvolvimento econômico, uma vez que permite, por exemplo, aos empreendedores um acesso mais amplo ao crédito e a produtos financeiros”, finaliza.



Crédito: - Beto Nociti/BCB

Luis Mansur, chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central

MOOB

COM O MOOB, VOCÊ FICA  
SEMPRE POR DENTRO DA  
SUA COOPERATIVA.

9:41

SICOOB

PRÓXIMOS

HOJE

CONFIRMAR PRESENCIA

COMUNIDADE DE NEGÓCIOS

GESTÃO DE EVENTOS

FEED DE NOTÍCIAS

DISPONÍVEL NO  
Google Play

Disponível na  
App Store

Baixe o aplicativo e venha fazer parte da nova comunidade digital de uma das maiores cooperativas financeiras do Brasil.



App  
MOOB



Escaneie e faça  
o download

O Moob é o novo aplicativo do Sicoob, que facilita e incentiva o contato entre você e a Cocred. Com ele, é possível ter acesso aos principais dados da cooperativa, receber e gerenciar convites para eventos, negociar bens publicados e muito mais.

SICOOB COCRED  
Vem crescer com a gente.

**Com o Crédito Verde Cocred, você tem o apoio que precisa para plantar a semente do crescimento sustentável nos seus negócios. Uma linha de financiamento fácil e exclusiva, criada para fomentar o uso de energias renováveis.**

- » **Rápida aprovação de crédito**
- » **Sem incidência de IOF diário para produtores rurais**
- » **Pagamento em até 60 meses para produtores rurais e 48 para outros segmentos**
- » **Taxa a partir de 0,68% ao mês**

**Converse com seu gerente e comece a cooperar com o desenvolvimento do futuro.**

**cocred.com.br**

 **sicoobcocred**

Ouvidoria - 0800 725 0996 - Atendimento seg. a sex. das 8h às 20h.  
www.ouvidoriasicoob.com.br  
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458.

# CRÉDITO VERDE COCRED.

VOCÊ DE MÃOS DADAS  
COM A SUSTENTABILIDADE.



 **SICOOB**COCRED

Vem crescer com a gente.



# LEI DO AGRO: NOVAS REGRAS PARA O CRÉDITO RURAL

**Medidas devem aumentar recursos de instituições privadas em empréstimos e financiamentos.**

É indiscutível a contribuição da atividade agropecuária para a economia brasileira. A força do agronegócio representa quase um quinto do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, mas ainda está fortemente atrelada ao financiamento agrícola, imprescindível para investimentos no campo, em tecnologia, maquinário, insumos, distribuição e até comercialização dos produtos.

Sancionada em abril pelo presidente Jair Bolsonaro, a Lei n.º 13.986/2020, popularmente chamada “Lei do Agro”, surge para facilitar o acesso ao crédito rural e foi comemorada como marco pelo setor. Segundo a Frente Parlamentar Agropecuária no Congresso, a expectativa é que as receitas de crédito rural no país cresçam R\$ 5 bilhões, a partir da nova legislação.



Isso significa que, mesmo em meio a uma pandemia, os ventos ainda sopram favoravelmente ao agronegócio: a expectativa é da safra recorde em 2020, as exportações continuam crescendo e a Lei do Agro, aliada a medidas adotadas pelo Banco Central, devem viabilizar o aumento do crédito, facilitando a emissão de títulos do agronegócio e a captação de recursos para o setor.

Aliás, a permissão concedida a instituições financeiras privadas para operarem crédito rural com equalização de juros é o principal avanço da legislação, pelo menos na opinião do professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, Rogério Alexandre de Oliveira Castro, destacando que nos últimos 50 anos a maior parte do financiamento agrícola saiu de recursos públicos.

“O governo já tinha vontade de reduzir a disponibilização de recursos públicos de forma voluntária. Agora, com a pandemia, ele é forçado a fazer isso em função

do aumento brutal das despesas públicas. Então, entendendo que essa nova lei terá um importante papel de fomento da atividade econômica que foi, é e vai continuar sendo o esteio do Brasil: o agronegócio. Você vai ter uma pulverização maior, não vai ser mais concentrado no Banco do Brasil”, afirma.

Além de adequar os títulos atuais, especialmente a Cédula de Crédito Rural, a legislação criou a Cédula Imobiliária Rural (CIR), bastante similar a uma alienação fiduciária em garantia – o produtor pode desmembrar o imóvel rural em partes para oferecê-las como garantia em diferentes operações de crédito. Segundo Castro, esse título vai ao encontro da captação de recurso privado, já que oferece mais garantias e permite diminuir o custo dos financiamentos.

“Ele define qual a parte da propriedade irá lastrear o crédito. É óbvio que há muitas regras a serem cumpridas pelo produtor rural. Não é tão simples operacionalizar isso e falta ainda regulamentação, inclusive pelo Banco Central, para efetivamente viabilizar a utilização desse título de crédito no mercado”, detalha o professor.

A equalização das taxas de juros também possibilita ao produtor rural buscar financiamento não apenas em bancos convencionais, mas em cooperativas de crédito, que conhecem o mercado financeiro e estão mais próximas do agronegócio, podendo oferecer taxas atrativas e serviços personalizados. Ao mesmo tempo, esse tipo de operação interessa à própria cooperativa, já que os recursos acabam sendo aplicados na região onde ela atua, beneficiando a comunidade.

“Com isso, também aumenta a possibilidade de obtenção de crédito. Além disso, a lei consolida a migração dos títulos de crédito em papel para eletrônicos, emitidos de forma escritural. Isso dá agilidade e segurança jurídica, é um avanço. Agora, de maneira contundente, fica clara essa tendência dos títulos eletrônicos no país”, diz Castro.

## Mais uma vez, a pandemia

Fica claro então que garantia e segurança jurídica são temas recorrentes na Lei do Agro, que também criou o Fundo Garantidor Solidário (FGS), uma ferramenta complementar em favor das instituições financeiras. O FGS deve ser composto por três cotas: 4% sobre o valor do débito é de responsabilidade dos devedores, outros 4% ficam a cargo dos credores e 2% devem ser representados pela instituição garantidora.

Especialmente esse item tem sido criticado por alguns juristas, alegando que os produtores rurais podem sair prejudicados, acima de tudo porque ainda falta

normatização de alguns mecanismos relacionados ao compartilhamento de riscos. Apesar de reconhecer esse fato e também que muitos tomadores de crédito estão endividados neste momento, o professor da USP destaca que o advento da Lei do Agro força a profissionalização no campo.



Rogério Alexandre de Oliveira Castro, professor de Direito da USP



**Toda legislação nova tem certa resistência. Ao mesmo tempo, não é uma legislação simples. Qualquer produtor rural que pegar a lei não vai compreender todos os seus meandros. É importante que consulte o advogado, o contador de confiança e as instituições financeiras. Até porque, a garantia que o produtor rural vai passar a dar é mais forte.**

Rogério Alexandre de Oliveira Castro, professor de Direito da FDRP/USP



A nova lei tenta aproximar a legislação da realidade de mercado. O que se espera é que os efeitos sejam sentidos na lucratividade de todos os agentes do setor, bem como nos preços dos produtos que chegam às mesas dos brasileiros. Mas isso não deve ocorrer tão cedo, segundo o economista José Carlos de Lima Júnior, professor de pós-graduação na USP,

na Faculdade Getúlio Vargas (FGV) e na Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap), justificando que a pandemia fez retrair a expectativa de investimento.

“A partir do momento em que o mercado entra em situação de pandemia, é como se tudo ficasse suspenso. Por mais que você tenha regras, o mercado entrou em uma situação suspensa, porque ninguém sabe o que vai acontecer. Se o objetivo dessa lei era facilitar o acesso a crédito, hoje você tem o inverso: um governo reduzindo o compulsório de 25% para 17% para tentar dar liquidez e reduzindo a Selic para diminuir o custo do dinheiro”, explica.

Pode até parecer que o agronegócio não está sofrendo os efeitos da crise sanitária. Mas, Lima Júnior explica que neste momento os produtores rurais estão se beneficiando das escolhas do ano passado. Isso significa que já estão tomando decisões para 2021 em meio às dificuldades impostas pela pandemia, como a oscilação do dólar e a queda no consumo. Em outras palavras, o agronegócio ainda não está sentindo, mas vai ser afetado pelos efeitos da crise.



**A pandemia provocou não só a paralisação das reformas estruturantes que o país precisa, mas o endividamento do próprio Estado devido ao combate à doença, seguido de uma queda de arrecadação que vai aumentar muito o déficit fiscal do país. Agora, com o embate político entre as esferas Executiva e Legislativa, a coisa está pior e o agro, como qualquer setor da economia, sente.**

José Carlos de Lima Júnior, economista



Apesar de concordar que a Lei do Agro é benéfica ao setor, o economista afirma que é muito simplista acreditar que a desburocratização do acesso ao crédito rural dependa unicamente das medidas impostas pela nova legislação, já que as políticas econômicas se inter-relacionam. Então, pelo menos por enquanto, é como se a nova legislação estivesse sendo ignorada.





José Carlos de Lima Júnior, economista e professor de pós-graduação na USP

“A ideia era colocar mais R\$ 68 bilhões no mercado. A partir do momento em que você reduz o compulsório, o banco reduz a taxa, há mais dinheiro no mercado e, em tese, há maior liquidez. Se você tem, por outro lado, queda na taxa de juros, você tem não só liquidez, como também a disponibilidade de uma taxa mais amigável. Nenhum dos dois aconteceu”, finaliza.



## SOLUÇÕES FINANCEIRAS PARA O AGRONEGÓCIO

A Sicoob Cocred nasceu do agro, da necessidade de estimular a atividade rural na região de Sertãozinho, atendendo produtores que precisavam de recursos e financiamentos com prazos e juros melhores. Hoje, a cooperativa oferece todas as modalidades de crédito rural, seja para custeio, investimento, comercialização ou industrialização da produção.

Na Cocred o produtor rural encontra taxas competitivas e serviços personalizados, conforme a necessidade e a área de atuação, podendo financiar despesas, aquisição de insumos, produção de mudas e sementes, beneficiamento, vacinas e medicamentos, máquinas agrícolas, tratores, animais para cria e recria, e muito mais.

Entre as linhas oferecidas destacam-se a Crédito Verde Cocred, que fomenta o uso de energias renováveis e cuja taxa é a partir de 0,68% ao mês, sem incidência de IOF diário, e o Trato Forte Cocred, para compra de tratores e GPSs, também sem cobrança de IOF diário, com prazo de até cinco anos para pagar e a possibilidade de quitar a primeira parcela em até dois anos.

Além das linhas próprias de financiamento, a cooperativa repassa os recursos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para empresas de todos os segmentos e tamanhos, seja para investir na compra de máquinas e equipamentos, modernizar o processo produtivo, expandir as instalações e até oferecer treinamento à equipe.

Enquanto a maioria das instituições financeiras convencionais estão se retraindo, evitando a concessão de crédito para não se expor ao risco de inadimplência nesse período de pandemia, a Sicoob Cocred se destaca pela atuação junto aos cooperados, buscando entender as reais necessidades de cada um, ciente de que é neste momento que eles e a comunidade mais precisam de apoio.

# ANTECIPAÇÃO DE RECEBÍVEIS: TODAS AS SUAS VANTAGENS À VISTA.

Não espere mais tempo para receber suas vendas a prazo e antecipe seus recebíveis direto na Sipag. A maquininha que é sucesso de vendas oferece as principais bandeiras do mercado e atendimento personalizado.

## E mais:

- Menor taxa de antecipação do mercado, sem incidência de IOF;
- Otimização do fluxo de caixa do seu negócio;
- Pagamento no crédito e recebimento à vista;
- Maior participação nos resultados da cooperativa.

Para mais informações, fale com seu gerente.



## Passa na Sipag. Passa na Cocred.

[cocred.com.br](http://cocred.com.br)  
©    [sicoobcocred](#)



Ouvidoria - 0800 725 0996  
Atendimento seg. a sex. - 8h às 20h  
[www.ouvidoriasicoob.com.br](http://www.ouvidoriasicoob.com.br)  
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458.

 **SICOOB COCRED**

Vem crescer com a gente.

# CLASSIFICADOS COCRED

Oportunidades perfeitas para o seu melhor negócio.



Acesse  
[sicoobcocred.com.br/classificados](https://sicoobcocred.com.br/classificados)  
e conheça os bens disponíveis em  
nossa Seção de Classificados



## IMÓVEIS RURAIS

Imóvel Rural denominado Sítio Dois Irmãos com área de 29,0787 hectares, matrícula nº 4.360, localizado no município de **Tarabai/SP** (24.002,79 m<sup>2</sup>).

Imóvel Rural, com área de 166,6666 hectares, matrícula nº 2.225, registrado na comarca de **Nova Monte Verde/MT**.

Imóvel Rural, com área de 166,6667 hectares, matrícula nº 2.224, registrado na comarca de **Nova Monte Verde/MT**.

Imóvel Rural, com área de 166,6667 hectares, matrícula nº 2.987, registrado na comarca de **Nova Monte Verde/MT**.

2 Glebas de Terras denominadas “Fazenda Cerne e Bebedouro do Turvo”, matrículas nº 43.307 com área de 11,6886 hectares e nº 43.308 com área de 1,0890 hectares, localizadas no município de **Embaúba/SP** e comarca de **Olímpia/SP**.

33,33% (107,3662 hectares) do imóvel rural denominado Fazenda Sete Voltas, que possui área total de 322,1308 hectares, matrícula nº 19.615, localizado no município de **Sacramento/MG**.



## IMÓVEIS URBANOS

Imóvel Urbano, sendo um sobrado na frente e um barracão no fundo. Área do terreno: 202,12 m<sup>2</sup>, área construída: 312,53 m<sup>2</sup>, matrícula nº 4.012, localizado no município de **Santa Rosa de Viterbo/SP**.

Imóvel Residencial com área construída de 276,77 m<sup>2</sup> e terreno de 600,00 m<sup>2</sup>, matrículas nº 6.413 e 6.414, localizado na rua Santo Elias, nº 111, bairro Jardim Nova Roma, no município de **Santa Rosa de Viterbo/SP**.

Imóvel Urbano Comercial no 23º Andar do Edifício New Office, com área total de 133,9583 m<sup>2</sup>, sendo 57,64 m<sup>2</sup> de área privativa e 76,3183 m<sup>2</sup>, matrícula nº 159.286, localizado em **Ribeirão Preto/SP**.

Imóvel Urbano Comercial, sendo 2 barracões com total de 6.045,55 m<sup>2</sup>, matrículas nº 048, 049, 113 a 133, localizado na Avenida Maria Lídia Neves Spínola, nº 781 e 1.095, no município de **Pontal/SP**.

Um apartamento com 66,280 m<sup>2</sup>, situado no 2º pavimento, bloco B-18, nº 565, matrícula nº 30.229, Conjunto Residencial Primavera, avenida Paris, nº 707, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Um apartamento com 66,280 m<sup>2</sup>, situado no 2º pavimento, bloco B-11, nº 510, matrícula nº 31.380, Conjunto Residencial Primavera, avenida Paris, nº 707, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Imóvel Comercial localizado sob matrículas nº 5.050, 5.055, 5.057, na rua Cônego Peregrino, nº 1.375, com saída na Coronel João Vilela, no município de **Patrocínio Paulista/SP**.

Imóvel Residencial e comercial sob as matrículas nº 10.047, 10.947, 10.709, localizado na rua Luiz Carlos Tocalino nº 470, 460, 450, bairro Residencial Nova Viradouro, no município de **Viradouro/SP**.

Imóvel Comercial, com área de terreno de 185,085 m<sup>2</sup> e área construída de 151,02 m<sup>2</sup>, matrícula nº 5.951, localizado na Rua Carlos Gomes, nº 1.068, bairro Centro, no município de **Sertãozinho/SP**.

Barracão Industrial com área total de 38.915,74 m<sup>2</sup> e área construída de 14.085,81 m<sup>2</sup>, matrícula nº 46.951, localizado na Marginal Antônio Aragão, nº 411, Distrito Industrial do município de **Sertãozinho/SP**.

Imóvel residencial urbano, com área construída de 438,10 m<sup>2</sup> e área total de 603,75 m<sup>2</sup>, matrícula nº 32.717, casa nº 09 do setor 04 no Condomínio Residencial Pedra Verde, situado na Rua José Pedro da Silva Matos, nº 350, bairro Jardim Tropical, no município de **Marília/SP**.

Imóvel residencial urbano, com área construída de 471,62 m<sup>2</sup> e terreno de 623,86 m<sup>2</sup>, matrícula nº 14.122, situado na Rua Alfredo Scaranello, 1.531, bairro Jardim 5 de Dezembro, no município de **Sertãozinho/SP**.



## TERRENOS

Terreno Urbano, Lote 4, quadra 24, 1.430,15 m<sup>2</sup>, matrícula n° 101.772, loteamento denominado Parque das Oliveiras I, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Terreno Urbano, Lote 5, quadra 24, 1.482,48 m<sup>2</sup>, matrícula n° 101.773, loteamento denominado Parque das Oliveiras I, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Lotes de Terreno, Lote 6, quadra 24, 1.500,00 m<sup>2</sup>, matrícula n° 101.774, loteamento denominado Parque das Oliveiras I, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Lotes de Terreno, Lote 7, quadra 24, 1.602,50 m<sup>2</sup>, matrícula n° 101.775, loteamento denominado Parque das Oliveiras I, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Lotes de Terreno, Lote 9, quadra 24, 1.801,94 m<sup>2</sup>, matrícula n° 101.777, loteamento denominado Parque das Oliveiras I, no município de **Ribeirão Preto/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 08, da quadra "J" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Rubens Antônio Bighetti, contendo 764,26 m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.985, na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 09, da quadra "J" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Bartolomeu Sala, contendo 739,42m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.986, na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 10, da quadra "G" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Pedro Cancian, contendo 504 m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.973, na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 11, da quadra "G" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Pedro Cancian, contendo 504 m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.974, na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 04, da quadra "G" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Dois, contendo 504 m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.967, na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Lote n° 05, da quadra "G" do loteamento denominado Jardim Montecarlo, com frente para a Rua Dois, contendo 504 m<sup>2</sup>, matrícula n° 70.968 na cidade de **Sertãozinho/SP**.

Lotes de Terreno, Gleba A3-1, localizado no Jardim Montecarlo com 24.002,79 m<sup>2</sup>, matrícula n° 62.566, no município de **Sertãozinho/SP**.



## DIVERSOS

Redutor de velocidade, redução de 1 x 4, capacidade de 500 CV, cor azul, marca Falk.



## VAMOS FECHAR NEGÓCIOS?

Se tem interesse em algum dos itens colocados à venda, é só ligar ou mandar um e-mail que a gente te passa mais informações!

☎ (16) 2105-3800 | (16) 9 8131-5500    ✉ [patrimonio@sicoobcocred.com.br](mailto:patrimonio@sicoobcocred.com.br)

 **SICOOBCOCRED**

Vem crescer com a gente.

[cocred.com.br](http://cocred.com.br)

📱📘📺 *sicoobcocred*



# LIBERAR O APP SICOOB SEM IR À AGÊNCIA?



## AGORA DÁ.

Escaneie o QR Code ou acesse [sicoob.com.br/app/sicoob](https://sicoob.com.br/app/sicoob) para saber mais.



Baixe agora



Neste momento, ficar em casa é a opção mais segura. Por isso, agora você pode liberar as funcionalidades do App Sicoob de forma 100% online.

De um jeito simples e seguro, você cadastra seus dispositivos móveis e senhas para consultar extratos, realizar pagamentos, transferências e muito mais.

**SICOOB COCRED**  
Vem crescer com a gente.

Central de Atendimento | Atendimento 24h. | 4000 1111 - Capitais e regiões metropolitanas | 0800 642 0000 - Demais localidades | Ouvidoria | 0800 725 0996 - Atendimento de seg. a sex. de 8h às 20h. | Deficientes auditivos ou de fala | 0800 940 0458 - Atendimento de seg. a sex. das 8h às 20h.